

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE GRADUAÇÃO

ÉRICA RAQUEL LACERDA HENRIQUE

**A IDENTIDADE ARQUITETÔNICA E AS IGREJAS
EVANGÉLICAS**

**ANÁLISE SOBRE A SEMIOLOGIA ARQUITETÔNICA DAS FACHADAS DOS
TEMPLOS EVANGÉLICOS NA CIDADE DO RECIFE**

RECIFE

DEZEMBRO / 2016

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE GRADUAÇÃO

ÉRICA RAQUEL LACERDA HENRIQUE

**A IDENTIDADE ARQUITETÔNICA E AS IGREJAS
EVANGÉLICAS**

**ANÁLISE SOBRE A SEMIOLOGIA ARQUITETÔNICA DAS FACHADAS DOS
TEMPLOS EVANGÉLICOS NA CIDADE DO RECIFE**

Trabalho de Graduação desenvolvido pela aluna Érica Raquel Lacerda Henrique, orientada pela Professora Denise Maria Simões Freire Gaudiot, apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã como exercício final da disciplina de Trabalho de Graduação 2, ministrada pela Prof^a Anna Karina Borges de Alencar.

RECIFE

DEZEMBRO / 2016

Henrique, Érica Raquel Lacerda

A identidade arquitetônica e as igrejas evangélicas: análise sobre a semiologia arquitetônica das fachadas dos templos evangélicos na cidade do Recife. / Érica Raquel Lacerda Henrique. - Recife: O Autor, 2016.

154 f.; il.

Orientador(a): Prof^a. Ms. Denise Maria Simões Freire Gaudiot.

**Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.
Trabalho de conclusão de curso, 2016.**

Inclui bibliografia.

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Identidade arquitetônica. 3. Igrejas evangélicas. 4. Locais de culto. 5. Semiologia. I. Título.

**72 CDU (2.ed.)
720 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas
TCC 2017-542**

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho refere-se à disciplina de TG2 (Trabalho de Graduação 2), ministrada pela professora Anna Karina Borges de Alencar e orientado pela professora Denise Maria Simões Freire Gaudiot, como produto final para a graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas da Instrução Cristã. O objetivo do mesmo é compreender as tipologias de templos evangélicos, dentro da ótica da identidade arquitetônica.

Para o desenvolvimento e conclusão, fez-se necessário elaborar um estudo sobre a história dos locais de culto, desde os primórdios da civilização judaica até os templos construídos nos dias de hoje, além da realização de questionários e pesquisas a campo para uma análise acerca da necessidade de uma identidade arquitetônica própria para igrejas evangélicas.

Dedico esse trabalho ao meu Deus que esteve comigo durante toda essa jornada, me guiando e encorajando a prosseguir sem desistir!

AGRADECIMENTOS

Como em todas as primícias da minha vida, por esse trabalho e essa conclusão de curso, agradeço a Deus, o responsável por ser a minha inspiração e por me permitir ter uma de suas qualidades: “Arquiteto do Universo”, como ofício. A Ele que, mesmo quando tudo parecia que não iria dar certo, esteve comigo dizendo: “Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois Eu, o Senhor, o seu Deus, estarei com você por onde você andar” (Josué 1:9). Não é apenas o fim de uma etapa, mas o início de um futuro brilhante que já foi escrito por Suas mãos. Ao meu Pai ofereço a minha maior homenagem!

A minha família que sempre pega junto comigo e que se faz presente em cada fase da minha vida! A minha mãe, Ana Cláudia, que sempre procura o meu melhor e que, muitas vezes, acabou abrindo mão de sonhos pessoais para que eu viesse a realizar os meus. Ela que vinha preocupada, durante minhas madrugadas em claro fazendo trabalhos, para perguntar se eu precisava de ajuda. Ao meu pai, Joás Henrique, responsável por me fazer apaixonar por esse curso. Muitas vezes, quando eu era pequena, me colocava em seu colo para que eu pudesse vê-lo fazer seus projetos de engenharia e sempre me deixava usar sua prancheta e material para que eu desenhasse os meus primeiros rabiscos. Agradeço por ter pegado junto com esse trabalho e por todas as suas orientações e instruções! A minha irmã e melhor amiga, Karen Lacerda! Aquela que está sempre ao meu lado e que não mede esforços em se fazer de suporte para que eu consiga alçar voos ainda mais altos. A vocês agradeço pela paciência, investimento, orações e cuidado que tem para com a minha vida!

A todos os pastores e líderes da minha igreja, em especial ao pastor Humberto Albuquerque, e sua esposa Cristiane, que são minha cobertura espiritual aqui na terra. Um casal que investe tempo em oração por nós quanto igreja e corpo de Cristo!

A missionária Cristina Santana que esteve sempre comigo, me aconselhando e ajudando nos momentos de estresses e choros. Além de tutora, ganhei uma amiga, uma pessoa que me faz querer sempre crescer e avançar, mesmo que, para isso, sejam necessários alguns “puxões de orelha”.

A minha orientadora, a Prof^a. Me. Denise Gaudiot, que me fez acreditar que seria possível continuar com esse tema, mesmo em meio à escassez de bibliografia. A ela que fez dos assessoramentos momentos agradáveis com trocas de conhecimentos e muito aprendizado. As minhas professoras da cadeira, Kainara Anjos e Karina Borges e a todos àqueles que deveriam ser apenas meus professores, mas que se tornaram amigos e mestres, transmitindo conhecimentos e instruindo qual o melhor caminho seguir quanto profissional. Agradeço pela dedicação e por terem feito com que eu enxergasse novos horizontes e possibilidades!

Agradeço também a todos os funcionários da Faculdade Damas que, durante todos esses anos, se dedicaram para oferecer o melhor serviço a todos os alunos e fizeram daquele lugar o meu segundo lar!

Por fim, agradeço a todos os amigos, parentes e pessoas próximas que direta ou indiretamente contribuíram para que eu conseguisse chegar até aqui e realizasse mais esse sonho!

Obrigada, de coração, a todos vocês!

“Quando uma forma cria beleza, tem na beleza sua própria justificativa”.

(Oscar Niemeyer)

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Monge Agostiniano Martinho Lutero.....	13
Figura 02: Igreja Reformada Potiguar - Paraíba.....	14
Figura 03: Percentual dos grupos religiosos e comparação entre os Censos 2000 e 2010.....	16
Figura 04: Linha do tempo sobre as mudanças na distribuição de grupos religiosos.....	17
Figura 05: Altar Bíblico de Sacrifício.....	21
Figura 06: Representação do Tabernáculo móvel.....	22
Figura 07: Maquete representativa do Templo de Salomão.....	29
Figura 08: Casa típica de uma aldeia na época de Jesus.....	34
Figura 09: Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém.....	36
Figura 10: Igreja da Natividade em Belém.....	36
Figura 11: Basílica de São Pedro.....	37
Figura 12: Basílica São Paulo fora da Muralha.....	38
Figura 13: Basílica Nossa Senhora do Carmo, Recife.....	43
Figura 14: Igreja Presbiteriana da Madalena, Recife.....	53
Figura 15: Igreja Batista da Capunga, Recife.....	53
Figura 16: Primeira Igreja Batista - Boa Vista, Recife.....	54
Figura 17: Congregação Cristã no Brasil - bairro da Imbiribeira, Recife.....	55
Figura 18: Congregação Cristã no Brasil - bairro do Ibura, Recife.....	55
Figura 19: Igreja Assembleia de Deus - bairro de Jardim São Paulo, Recife.....	56
Figura 20: Igreja Assembleia de Deus - bairro de Boa Viagem, Recife.....	56
Figura 21: Igreja Assembleia de Deus - bairro do Sancho, Recife.....	57
Figura 22: Igreja do Evangelho Quadrangular - Ipsep, Recife.....	57
Figura 23: Igreja do Evangelho Quadrangular - Torrões, Recife.....	58
Figura 24: Igreja Brasil para Cristo - Linha do Tiro, Recife.....	58

Figura 25: Igreja Deus é Amor – bairro de Água Fria, Recife.....	59
Figura 26: Igreja Universal do Reino de Deus – bairro de Boa Viagem, Recife.....	59
Figura 27: Igreja Internacional da Graça de Deus – bairro de Boa Viagem, Recife.....	60
Figura 28: Congregação Sara Nossa Terra – bairro de Boa Viagem, Recife.....	60
Figura 29: Igreja Verbo da Vida – bairro de Casa Amarela, Recife.....	60
Figura 30: Códigos de edificações	61
Figura 31: Placa de proibido fumar.....	63
Figura 32: Fumaça de incêndio em Goiânia.....	63
Figura 33: Representação da cruz.....	64
Figura 34: Esquematização da mensagem unilateral.....	65
Figura 35: Esquematização da mensagem bilateral.....	65
Figura 36: Gráfico Percentual do sexo dos participantes.....	69
Figura 37: Gráfico Percentual da faixa etária dos participantes.....	70
Figura 38: Gráfico Percentual do nível de escolaridade dos participantes.....	71
Figura 39: Gráfico Percentual dos que frequentam ou não uma igreja evangélica.....	72
Figura 40: Gráfico Percentual da frequência aos cultos/reuniões.....	73
Figura 41: Gráfico Percentual do ramo denominacional que congrega.....	74
Figura 42: Gráfico Percentual quanto ao tipo da estrutura do templo.....	75
Figura 43: Gráfico Percentual quanto ao revestimento/acabamento.....	76
Figura 44: Gráfico Percentual quanto ao grau de importância dos elementos.....	77
Figura 45: Gráfico Percentual sobre a Identidade Arquitetônica.....	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Censo Demográfico, quantitativo de pessoas e suas respectivas religiões.....	16
Tabela 02: Porcentagem de pessoas e suas respectivas religiões, na cidade do Recife.....	17
Tabela 03: Percentual do Sexo Feminino e Masculino.....	69
Tabela 04: Percentual da Faixa Etária.....	70
Tabela 05: Percentual do Nível de Escolaridade.....	71
Tabela 06: Percentual dos que frequentam ou não uma igreja evangélica.....	72
Tabela 07: Percentual da frequência aos cultos/reuniões.....	73
Tabela 08: Percentual do ramo denominacional que congrega.....	74
Tabela 09: Percentual do tipo da estrutura do templo.....	75
Tabela 10: Percentual quanto ao revestimento/acabamento.....	76
Tabela 11: Percentual quanto ao grau de importância dos elementos.....	77
Tabela 12: Percentual sobre a Identidade Arquitetônica.....	78
Tabela 13: Percentual sobre a necessidade de Identidade Arquitetônica.....	80

RESUMO

Ao observar a identidade arquitetônica de igrejas evangélicas, é possível notar que, em sua maioria, não existe uma arquitetura especificamente pensada para elas, sendo a adaptação, muitas vezes, um fator limitante do programa.

“A Identidade Arquitetônica e as Igrejas Evangélicas” foi o tema desenvolvido neste trabalho de graduação, com o objetivo de verificar e compreender as tipologias de templos evangélicos, dentro da ótica da identidade arquitetônica. Para tanto, fez-se necessário abordar um breve histórico da igreja evangélica e entender se, de fato, existe uma necessidade de uma identidade arquitetônica própria para ela.

Palavras Chave: Igrejas evangélicas, identidade arquitetônica, semiologia.

ABSTRACT

It was realized, while observing the architectural identity of evangelical churches, for the most part, there is no architecture specifically designed for them, and adaptation is often a limiting factor of the program.

"Architectural Identity and Evangelical Churches " was the theme developed in this undergraduate work, with the purpose of verifying and understanding the typologies of evangelical temples, within the perspective of architectural identity. To do so, it was necessary to address a brief history of the evangelical church and to understand if, in fact, it's needed an architectural identity proper to it.

Keywords: Evangelical churches, architectural identity, semiology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Apresentação do problema.....	15
1.2 Objetivo Geral e Objetivos Específicos.....	18
1.3 Contextualização.....	19
2 LOCAIS DE CULTO DESDE OS PRIMÓRDIOS DA CIVILIZAÇÃO JUDAICA, ATÉ A IGREJA PRIMITIVA NO ADVENTO DO CRISTIANISMO;.....	20
2.1 Altares Antigos	20
2.2 O Tabernáculo	22
2.3 O templo de Salomão e outros templos antigos	27
2.4 O Templo de Herodes.....	30
2.5 A Igreja Primitiva (igrejas domésticas e edifícios eclesiásticos primitivos) no advento do Cristianismo.....	34
2.6 As igrejas desde a era cristã, até o advento da Reforma Protestante.....	35
3 TEMPLOS CATÓLICOS, TEMPLOS PROTESTANTES (HISTÓRICOS E PENTECOSTAIS) E SUAS RELAÇÕES COM OS MOMENTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS;	40
3.1 Modernidade, Religião e Arte	40
3.2 O Legado Protestante.....	46
3.3 Os Pentecostais e Neopentecostais.....	49
3.4 A Arquitetura Protestante e Pentecostal.....	51
4 SEMIOLOGIA: SIGNOS NA ARQUITETURA (COM ÊNFASE NA ARQUITETURA RELIGIOSA);	61
5 QUESTIONÁRIO: RESULTADO E CONCLUSÃO;	69
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da civilização, é notória a busca do homem pelo “sagrado”. Dentre as correntes religiosas que serviram de respostas a esse anseio, há de se destacar o Cristianismo. Além dos registros históricos, o Cristianismo teve seu desenvolvimento e dogmas estabelecidos através dos escritos sagrados, tal qual encontrados na Bíblia.

No Pentateuco, ou seja, nos cinco primeiros livros da bíblia (Gênesis, Êxodo, Levíticos, Números e Deuteronômio), os patriarcas do povo judeu prestavam um tipo de culto e adoração a Deus. Esses eventos usualmente eram feitos ao ar livre diante de altares construídos para essa finalidade, e que serviam de memorial diante do povo.

Com a vinda de Jesus a terra, inaugurou-se uma nova ordem religiosa e também de culto. Esses grupos primitivos de cristãos se reuniam em suas próprias casas até o advento das igrejas fundadas pelos apóstolos e estabelecidas no início da era cristã, culminando com o advento do protestantismo, ocorrido na Europa Central no início do século XVI.

O termo protestante provém dos protestos, especialmente na Alemanha, dos cristãos do século XVI contra as práticas, na época, da Igreja Católica - corrupção e os desvios de conduta do clero que gerenciava um lucrativo comércio de relíquias de Cristo e indulgências. O movimento, liderado pelo Monge Agostiniano Martinho Lutero (Figura 01), defendia a liberdade de cada indivíduo para interpretação dos textos bíblicos.

Figura 01 - Monge Agostiniano Martinho Lutero



Fonte: <http://www.luteranos.com.br>

No Brasil, o protestantismo foi trazido pelos holandeses entre os anos de 1624 e 1625, tendo sido propagado principalmente entre os índios. De acordo com a historiadora e professora cearense Jaqueline de Souza em seu livro “A Primeira Igreja Protestante do Brasil”, a Igreja Reformada Potiguara (Figura 02) foi a primeira igreja evangélica do Brasil, criada pelos índios evangelizados por holandeses na Paraíba.

Figura 02 - Igreja Reformada Potiguara (Paraíba)



Fonte: <https://edwardluz.wordpress.com>, 2013

A partir daí, várias outras igrejas denominacionais, já atuantes na América do Norte e Europa, enviaram seus missionários e fundaram trabalhos em território brasileiro, entre eles as correntes denominadas históricas ou tradicionais: Batistas, Presbiterianos, Congregacionais, Metodistas, Anglicanos, Episcopais, entre outros.

No início do século XX, ocorreu um expressivo movimento no seio da igreja protestante denominado pentecostalismo. Esse, por sua vez, gerou uma renovação carismática no meio evangélico e o surgimento de outras denominações, entre elas a Igreja Assembléia de Deus. O movimento teve seu auge no “Reavivamento da Rua Azusa” que foi uma reunião de avivamento pentecostal que se deu em Los Angeles, Califórnia, liderada por William Joseph Seymour, um pregador afro-americano. Teve início com uma reunião em 14 de abril de 1906 em um prédio que fora da Igreja Metodista Episcopal Afro-americana e continuou até meados de 1915. O avivamento foi caracterizado por experiências espirituais como o falar em línguas estranhas e cultos de adoração. Os participantes foram criticados pela mídia secular e teólogos

cristãos por considerarem o comportamento escandaloso e pouco ortodoxo, especialmente para a época. Hoje, o avivamento é considerado pelos historiadores como principal catalisador para a propagação do pentecostalismo no século XX.

Já o neopentecostalismo ou terceira onda do protestantismo é um movimento sectário dissidente do evangelicalismo que congrega denominações provenientes do pentecostalismo clássico ou mesmo das igrejas cristãs tradicionais (batistas, metodistas, etc). Surgiram sessenta anos após o movimento pentecostal do início do século XX, em 1906.

1.1 Apresentação do problema

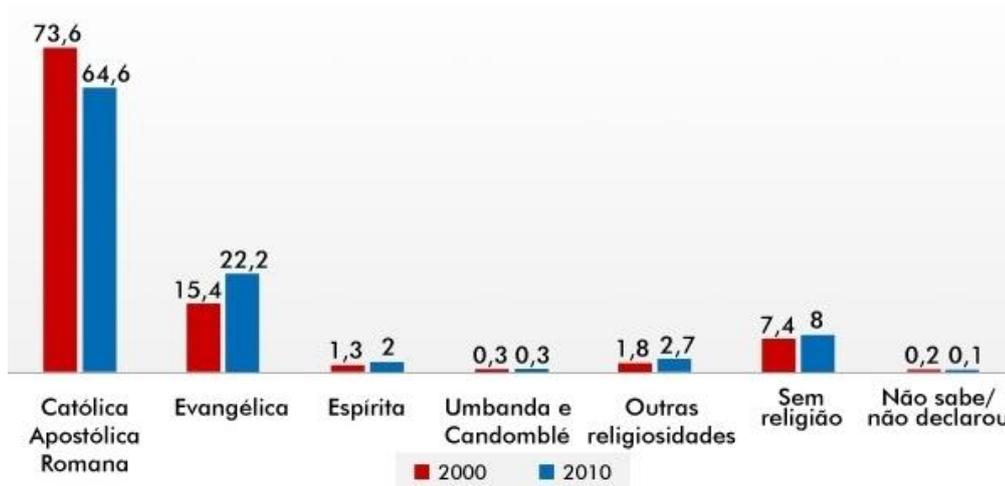
Hoje, na cidade do Recife, existe uma demanda crescente por igrejas evangélicas. Em contrapartida, há ausência de equipamentos adequados com uma identidade arquitetônica que a caracterize como igreja evangélica e que absorvam essa demanda.

Além disso, ao contrário do catolicismo, que possui exemplos de igrejas construídas em diversos estilos e séculos, a igreja evangélica não possui uma referência de arquitetura definida no passado. Por isso, a lógica é a da funcionalidade, quase sempre lançando mão dos mesmos recursos empregados em grandes teatros.

Segundo dados do Censo Demográfico 2010, a população evangélica no Brasil passou de 15,4% da população brasileira para 22,2%, o que dá um crescimento de 6,8 pontos percentuais nos últimos dez anos, e atualmente representa 42,3 milhões de pessoas, sendo esta a segunda religião com o maior número de adeptos no país. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o aumento no número de evangélicos é proporcional ao crescente declínio da religião católica, que perdeu 9,4% de fiéis em relação ao Censo de 1990.

Mas ainda assim, o catolicismo é predominante no país: são mais de 123 milhões de pessoas (64,6% da população brasileira; até 2000 eram 73,6%). O Brasil é considerado o maior país do mundo em números de católicos nominais.

Figura 03 – Classificação percentual dos grupos religiosos e comparação entre os Censos 2000 e 2010.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010

Tabela 1 – Quantitativo de pessoas e suas respectivas religiões de acordo com o Censo de 2010.

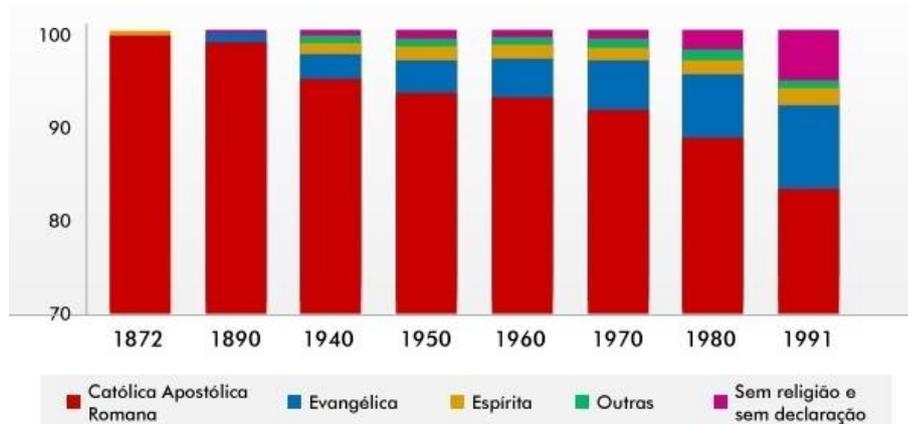
RELIGIÃO NO BRASIL	
123 milhões de católicos	3,8 milhões de espíritas
42,3 milhões de evangélicos	407 mil umbandistas
15 milhões sem religião	167 mil adeptos do candomblé

Fonte: <http://noticias.uol.com.br>, 2012

Embora o perfil religioso da população brasileira mantenha, em 2010, a histórica maioria católica, esta religião vem perdendo adeptos de acordo com o Censo.

Em aproximadamente um século, a proporção de católicos na população brasileira variou 7,9 pontos percentuais, reduzindo de 99,7%, em 1872, para 91,8% em 1970. Os dados do IBGE dos anos 2000 e 2010 mostram que a religião passa por uma fase de declínio: nesses últimos dez anos, os católicos passaram de 73,6% para 64,6%. Esta redução no percentual de católicos ocorreu em todas as regiões, mantendo-se mais elevada no Nordeste (de 79,9% para 72,2% entre 2000 e 2010) e no Sul (de 77,4% para 70,1%) de acordo com publicação do autor Hanrikson de Andrade para o site da Uol em junho de 2012.

Figura 04 – Linha do tempo sobre as mudanças na distribuição de grupos religiosos, em porcentagem.



Fonte: Diretoria Geral de Estatística, Recenseamento do Brasil 1872/1890 e IBGE, Censo Demográfico 2000/2010

A revista Exame publicou em seu site um levantamento sobre a presença de evangélicos em todas as capitais do Brasil. Os números organizados pela revista, que destaca a religião evangélica como a que mais cresce no país, listou o percentual de evangélicos presentes na capital de cada estado brasileiro, comparando o número aos de outras religiões. Apesar de São Paulo possuir o maior número de evangélicos do país, com 2,3 milhões de fiéis segundo o Censo de 2010, representa apenas 21,88% da população da cidade, o que coloca a capital paulista na 20ª posição da lista.

A capital com a maior proporção de evangélicos em termos percentuais é Rio Branco, capital do Acre. Totalizando 39,54% da população, o número de evangélicos na cidade quase se iguala ao número de católicos (40,44%). Recife aparece na 13ª posição da lista, apresentando 24,8% da população que é evangélica (cerca de 357,4 mil pessoas).

Tabela 2 – Porcentagem de pessoas e suas respectivas religiões, na cidade do Recife - Censo de 2010.

RECIFE	PORCENTAGEM
Evangélicos	24,8% (357,4 mil pessoas)
Católicos	54,74%
Espíritas	3,68%
Umbanda e Candomblé	0,25%
Outras	2,23%
Sem religião	14,21%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010 – cidade do Recife

1.2 Objetivos

Este trabalho tem como **objetivo geral** verificar e compreender as tipologias de templos evangélicos, dentro da ótica da identidade arquitetônica. Também, faz-se necessário identificar se as pessoas sentem a necessidade de frequentarem igrejas com características arquitetônicas mais arrojadas e diferenciadas ou se sentem confortáveis com a arquitetura das igrejas evangélicas tais como elas são.

Para o cumprimento do objetivo central, buscam-se **objetivos específicos** como:

- a) Avaliar e identificar igrejas que não possuam uma identidade que as identifiquem facilmente como uma;
- b) Identificar características relevantes das igrejas evangélicas baseadas nos rituais sagrados e de que maneira estes podem ser traduzidos ao espaço arquitetônico;
- c) Avaliar as mudanças arquitetônicas das igrejas nas diferentes épocas dos movimentos artísticos e arquitetônicos;
- d) Analisar se as pessoas sentem, de fato, necessidade de frequentarem igrejas que possuam elementos de identidade visual para que haja uma identificação com as mesmas.

Como **metodologia** do trabalho, faz-se necessário realizar:

- a) Revisão da literatura em livros, revistas, publicações avulsas ou materiais disponibilizados na Internet. Isso contribuiu para obtenção de informações sobre a situação atual do tema; conhecer publicações existentes sobre o tema e os aspectos que já foram abordados; e verificar as opiniões similares e diferentes a respeito do problema de pesquisa;
- b) Questionário para se descobrir regularidades entre grupos de pessoas por meio da comparação de respostas relativas ao conjunto de questões (Zeisel 1981), que contém um conjunto de alternativas sobre qual a sensação que os templos evangélicos, na cidade do Recife, causam nas pessoas. Para a coleta de dados, utilizou-se de uma ferramenta digital, o *Survio* (<http://www.survio.com/br>).

1.3 Contextualização

Na arquitetura, existem algumas características e configurações nas edificações que atribuem uma identidade arquitetônica, ou seja, o propósito existencial dos prédios, sem que seja necessária uma descrição em forma de texto. “Qualquer que seja nossa intenção projetual, integração ou contraste, é essencial dotar nossos projetos de uma qualidade importante: a identidade formal.(...) Um teste rápido de identidade é tentar descrever um edifício verbalmente. Se ele possuir identidade clara poderá ser descrito sucintamente.” (MAHFUZ, 2009).

A realização desta pesquisa justifica-se para identificar se as igrejas evangélicas possuem uma identidade arquitetônica própria e se isso é algo relevante para as pessoas que as frequentam.

2 LOCAIS DE CULTO DESDE OS PRIMÓRDIOS DA CIVILIZAÇÃO JUDAICA, ATÉ A IGREJA PRIMITIVA NO ADVENTO DO CRISTIANISMO.

2.1 Altares Antigos

No mundo antigo, os altares desempenhavam um papel fundamental nas práticas religiosas de muitos povos. Qualquer superfície consagrada para o propósito da realização de ofertas sagradas podia ser considerado um altar. Os altares bíblicos (Figura 05) são de especial interesse no contexto dessas características, apesar dos altares dedicados a outros deuses serem, muitas vezes, similares.

A palavra hebraica traduzida por “altar” é derivada de uma raiz verbal que significa “sacrificar”. O povo judeu costumava construir altares nos locais onde ocorriam aparições divinas, como pode ser visto no livro de Gênesis, capítulo doze, versículo sete: “Então o SENHOR apareceu a Abrão e lhe prometeu: É à tua descendência que darei esta terra! E Abrão construiu ali um altar dedicado a *Yahweh*, porquanto ali o SENHOR havia aparecido e falado com ele”. Neste mesmo livro, no capítulo trinta e cinco, versículos um e sete, tem: “Eis que Deus falou a Jacó: ‘Levanta-te! Sobe a Betel e habita ali. Em Betel erguerás um altar ao Deus que te apareceu quando fugias da presença de teu irmão Esaú’. Lá Jacó construiu um altar e colocou o nome no lugar de *El bêt El*, O Deus de Betel, porque ali Deus havia se revelado a ele, quando estava fugindo com medo de seu irmão”. Os altares proporcionavam um local de encontro entre Deus e a humanidade, uma ponto de contato entre o céu e a terra; eles definiam os espaços nos quais as pessoas podiam invocar a Deus.

A santidade especial do altar israelita é refletida no detalhe acerca de sua construção que deveria ser com pedras não lavradas: “Se me edificardes um altar de pedra não o fareis de pedras lavradas, porque se levantardes sobre ele o cinzel, vós o estareis profanando” (Êxodo 20:25). Outro detalhe relevante é que o acesso a eles era por meio de rampa e não por degraus, de modo a evitar a exposição da nudez humana durante a subida do sacerdote: “Nem fazei o meu altar com degraus, para evitar que ao subirdes vossa nudez seja ali exposta” (Êxodo 20:26).

Figura 05 – Altar Bíblico de Sacrifício



Fonte: <http://www.penielfaceaface.com.br>

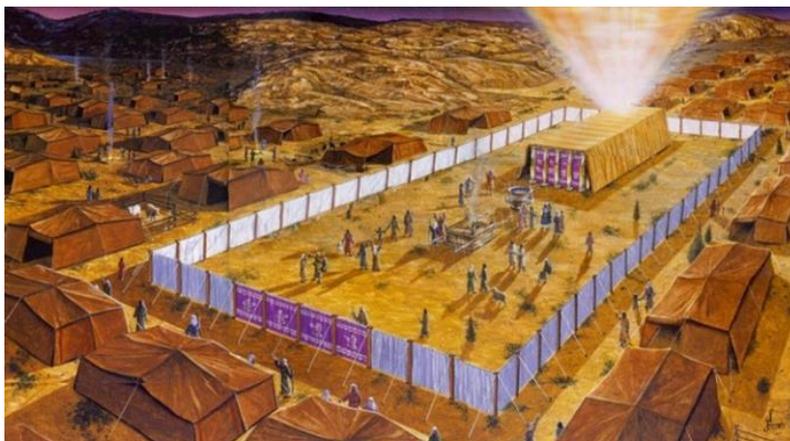
Os altares eram construídos principalmente de pedra, barro, madeira ou metal, e variavam desde os mais simples aos mais elaborados. Algumas personagens proeminentes das narrativas bíblicas parecem ter construído altares simples, feitos de pedra:

- Noé: “Depois, Noé construiu um altar dedicado ao SENHOR e, tomando alguns animais e aves, todos puros, ofereceu-os como holocausto, queimando-os sobre o altar” (Livro de Gênesis, capítulo 8, versículo 20 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 49);
- Abraão: “Abraão voltou ao altar que ele mesmo havia edificado e adorou a Deus, invocando o Nome do SENHOR” (Livro de Gênesis, capítulo 13, versículo 4 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 56);
- Isaque: “Ali construiu um altar e invocou o Nome de *Yahweh*, o SENHOR. Ali ele armou sua tenda. E os servos de Isaque cavaram um outro poço” (Livro de Gênesis, capítulo 26, versículo 25 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 81);
- Jacó: “Ali erigiu um altar, que denominou *El Elohe Israel*, Deus Todo-Poderoso é o Deus de Israel” (Livro de Gênesis, capítulo 33, versículo 20 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 97);
- Moisés: “Depois Moisés construiu um altar, e pôs-lhe este nome: *Adonai-Nissi*, que quer dizer o Eterno fez-me aqui um grande milagre” (Livro de Êxodo, capítulo 17, versículo 15 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 167);

Altars mais complexos foram construídos em conexão com santuários mais elaborados, tais como os portáteis, que eram os tabernáculos, e os fixos que eram os templos.

2.2 O Tabernáculo

Figura 06 – Representação do Tabernáculo móvel



Fonte: <http://basemissionaria-saolourenco.blogspot.com.br>, 2015

O tabernáculo (Figura 06), que era uma espécie de santuário portátil, foi o centro do culto israelita até a construção do templo de Salomão. O texto bíblico refere-se a ele com alguns nomes: santuário, tenda do encontro, tabernáculo da aliança, tabernáculo do testemunho, entre outros. O *layout* e a construção do tabernáculo assemelham-se aos antigos pavilhões e acampamentos militares portáteis egípcios. As escrituras relatam que todo o projeto arquitetônico do tabernáculo foi entregue a Moisés pelo próprio Deus: “Farás tudo de acordo com o modelo do Tabernáculo e as instruções para a mobília que Eu te revelar” (Livro de Êxodo, capítulo 25, versículo 9 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 179), e que os artesãos que executaram a obra na forma precisa em que fora especificada, foram capacitados pelo Espírito Santo.

E disse o SENHOR a Moisés: “Eis que chamei pelo nome a Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá. Eu fiz que ficasse pleno do Espírito de Deus em sabedoria, entendimento e capacidade artística, para desenhar e executar trabalhos em ouro, prata e bronze, para trabalhar com arte na escultura de pedras, para entalhar madeira e realizar todo tipo de obra artesanal. Eis que estou enviando a ele, por companheiro, Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã, com a missão de cooperar com Bezalel em tudo. Da mesma forma, capacitei todos os artesãos para que executem tudo quanto, tenho orientado-te para realizar: a Tenda do Encontro, a

Arca da Aliança bem como o propiciatório, a tampa que está sobre ela, e toda a mobília da Tenda; a mesa com todos os seus utensílios sagrados, o candelabro de ouro puro com todos os seus acessórios, o altar do incenso, o altar dos holocaustos com todos os seus utensílios santos, a bacia com sua base; as vestimentas litúrgicas, tanto as vestes sagradas de Arão, o sacerdote, como as vestes para cada um de seus filhos, quando ministrarem como sacerdotes, o bálsamo especial para as unções e o incenso de exclusivo perfume para o Lugar Santíssimo. Eles, pois, farão tudo exatamente de acordo com o que te ordenei!” (Livro de Êxodo, capítulo 31, versículos 1 ao 11 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 192)

Esses servem num santuário que é representação e sombra daquele que está nos céus, já que Moisés foi avisado quando estava para construir o tabernáculo: “Observai tudo com cautela, para que façais todas as coisas de acordo com o modelo que vos foi revelado no monte”. (Livro de Êxodo, capítulo 8, versículo 5 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 148)

Em linhas gerais, o tabernáculo constava de uma cerca retangular feita de cortinas de linho branco que formava o pátio exterior, no qual os sacerdotes ofereciam sacrifícios sobre um altar de madeira de acácia forrado de bronze, que tinha quatro pontas. “Farás também um átrio para o Tabernáculo. O lado sul, do Neguebe, terá quarenta e cinco metros de comprimento e cortinas externas de linho fino trançado” (Livro de Êxodo, capítulo 27, versículo 9 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 183). Todos os utensílios que o acompanhavam eram feitos de bronze, como também a bacia que era uma tigela sobre uma base na qual os sacerdotes lavavam as mãos e os pés.

Então *Yahweh* orientou Moisés: “Farás também uma bacia de bronze, com a base igualmente de bronze, para se lavarem. Tu a colocarás entre a Tenda do Encontro e o altar, e a encherás de água com a qual Arão e os seus filhos lavarão as mãos e os pés. Quando entrarem na Tenda do Encontro, eles se lavarão com água, para que não morram, e também quando se aproximarem do altar para ministrar, para fazer fumegar uma oferenda queimada a *Yahweh*. Lavarão as mãos e os pés e, assim, não morrerão. Isso será um decreto perpétuo para Arão e todos os seus descendentes, geração após geração!” (Livro de Êxodo, capítulo 30, versículos 17 ao 21 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 191)

A montagem da tenda iniciava pela armação de madeira em treliça, que lhe permitia ser facilmente montada e desmontada, sobre a qual era estendida uma cobertura de várias camadas feitas de tecido finamente trabalhado em azul, púrpura e escarlate, bordado com representações de querubins, ou seja, figuras angelicais.

Farás armações verticais de madeira de acácia para o Tabernáculo. Cada armação de tábuas terá quatro metros e meio de comprimento por setenta centímetros de largura. Cada armação de tábuas terá dois encaixes, travados um com o outro; assim farás com todas as armações do Tabernáculo. Disporás as armações de tábuas para o Tabernáculo da seguinte maneira: vinte armações para o lado do Neguebe, para o sul. Farás quarenta bases de prata debaixo das vinte armações de tábuas: duas bases para cada armação, uma debaixo de cada encaixe. No outro lado do Tabernáculo, do lado norte, haverá vinte armações de tábuas, e quarenta bases de prata, duas debaixo de cada armação. Para o fundo do Tabernáculo, do seu lado ocidental, para o mar, farás seis armações de tábuas; e farás outras duas armações de tábuas para os cantos do fundo do Tabernáculo. As armações de tábuas nesses dois cantos serão duplas, desde a parte inferior até a superior, colocadas numa única argola; ambas serão assim. Serão, portanto, oito armações de tábuas com suas bases de prata, dezesseis bases: duas bases debaixo de uma armação e duas debaixo de outra armação. Farás travessas de madeira de acácia: cinco para as armações de tábuas de um lado do Tabernáculo, cinco para as armações do outro lado do Tabernáculo, e da mesma maneira, cinco travessas para as armações da parte de trás do Tabernáculo, do lado ocidental, para o mar. A travessa central esteja na metade das armações, atravessando-as de um extremo a outro. Cobrirás de ouro as tábuas e de ouro farás suas argolas, pelas quais hão de passar as travessas; e cobrirás também de ouro as travessas. Levantarás o Tabernáculo segundo o modelo que te foi mostrado no monte santo. (Livro de Êxodo, capítulo 26, versículos 15 ao 30 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 182)

Uma camada feita de pelos de cabrito coberto por uma dupla camada de couro curtido formava a cobertura protetora. A estrutura completa tinha 15 metros de comprimento por 5 metros de largura e 5 metros de altura.

Então falou *Yahweh* a Moisés, orientando: “No primeiro dia do primeiro mês, levantarás a Habitação do SENHOR, a Tenda do Encontro. Colocarás nela a Arca da Aliança, do Testemunho, e a protegerás com o véu, a cortina sagrada à frente da Arca. Trarás a mesa e arrumarás sobre ela todos os seus devidos elementos. Trarás também o candelabro e nele instalarás suas lâmpadas. Prepararás o altar de ouro para o incenso diante da Arca da Aliança e colocarás o véu, a grande cortina, à entrada do Tabernáculo. Colocarás o altar dos holocaustos diante da entrada do Tabernáculo, da Tenda do Encontro. Porás a bacia entre a Tenda do Encontro e o altar, e nela colocarás água. Estabelecerás o átrio, o grande pátio ao redor, e levantarás o véu na porta do átrio. Tomarás do bálsamo da unção e ungarás o Tabernáculo e tudo o que está dentro dele; tu o consagrarás com todos os seus utensílios sagrados, e ele será santíssimo! Ungirás o altar dos holocaustos com todos os seus acessórios, consagrarás o altar, e o altar será igualmente santíssimo. Ungirás a bacia e sua base e as consagrarás. Depois convocarás Arão e seus filhos para se aproximarem da entrada da Tenda do Encontro; tu os lavarás com água e vestirás Arão com as vestimentas sagradas; tu o ungarás e o consagrarás para que possa servir plenamente como sacerdote. A seus filhos, tu os convocarás a fim de que se aproximem e os vestirás com as túnicas santas. (Livro de Êxodo, capítulo 40, versículos 1 ao 14 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 210)

Dentro da tenda, havia duas áreas separadas por um véu: o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo. Artigos de mobília embelezavam o interior do Lugar Santo, todos contendo argolas através das quais se passava uma vara para o transporte e também para eliminar a possibilidade de profanação dos móveis sagrados pelo toque humano. Uma mesa revestida de ouro estava posta com 12 pedaços de pão, para que os sacerdotes os comessem, uma vez por semana, desfrutando a comunhão com Deus.

A cada dia de *shabbāth*, sábado, os pães serão colocados, permanentemente, diante do SENHOR, em nome de todos os israelitas, como aliança perpétua; pertencerão a Arão e a seus filhos, que os comerão num lugar sagrado, porquanto são parte santíssima de sua porção regular de ofertas dedicadas ao SENHOR, preparada no fogo. É lei perpétua! (Livro de Levítico, capítulo 24, versículos 8 e 9 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 263)

Do lado oposto da mesa, estava o candelabro de ouro, cuja base se ramificava em sete tubos que apoiavam sete lâmpadas em forma de flores de amêndoa, era mantido aceso permanentemente e lembravam a sarça ardente. No local do véu, havia o altar do incenso que era o limite até onde o sacerdote podia ministrar, nesse altar era queimado um sacrifício perpétuo de incenso aromático.

Farás também um altar, para queimares nele incenso; de madeira de acácia o farás. Será uma só peça quadrada, medindo quarenta e cinco centímetros de cada lado e noventa centímetros de altura; suas pontas terão prolongamentos, como chifres, formando um único móvel. Cobrirás de ouro puro a parte superior, todos os lados e as pontas, e farás uma moldura de ouro ao seu redor. Farás duas argolas de ouro de cada lado do altar, abaixo da moldura, a fim de que sustentem os varais utilizados para transportá-lo. Usarás madeira de acácia na confecção desses varais e os revestirás de ouro. Porás o altar defronte do véu que está diante da Arca da Aliança, perante o propiciatório, que é sua tampa e está sobre o Testemunho, onde me encontrarei contigo. Arão fará queimar incenso aromático sobre o altar todas as manhãs, assim que vier cuidar das lâmpadas, e também quando acendê-las ao cair da noite. Será um incenso perpétuo diante de *Yahweh*, pelas vossas gerações. Não oferecereis sobre esse altar nenhuma outra espécie de incenso, tampouco holocausto, oferta de cereal ou manjares, nem derramareis sobre ele ofertas de bebidas ou libações. Uma vez por ano Arão realizará sobre as pontas do altar em forma de chifres, o rito da expiação: com o sangue do sacrifício pelo pecado, no Dia do Perdão; anualmente, ele fará essa propiciação por si e pelas vossas gerações. Sendo assim, santíssimo é esse altar a *Yahweh*, o SENHOR!” (Livro de Êxodo, capítulo 30, versículos 1 ao 10 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 190)

Separado do Lugar Santo e oculto por um véu no qual estava bordado um querubim, ficava o Lugar Santíssimo, o santuário interior que abrigava a arca da aliança.

Farás também um véu de linho fino trançado e de fios de tecido azul celeste, roxo e carmesim; mandarás executar nele um bordado de arte com figuras de querubins. Tu o colocarás sobre quatro colunas de acácia recobertas de ouro puro, munidas de ganchos também de ouro, assentadas sobre quatro bases de prata. Pendurarás o véu pelos colchetes e colocarás atrás do véu a Arca da Aliança. Esse véu separará o Lugar Santo e o Santo dos Santos. Porás o propiciatório sobre a Arca que contém o Testemunho, no lugar reservado ao Santo dos Santos. (Livro de Êxodo, capítulo 26, versículos 31 ao 34 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 183)

Esse querubim simbolizava o jardim do Éden, no qual essas criaturas angelicais foram postas, no caminho que levava à árvore da vida: “Deus banuiu Adão e Eva e no lado leste do jardim do Éden estabeleceu seus querubins e uma espada flamejante que se movia em todas as direções, evitando assim que alguém tivesse acesso à árvore da vida” (Livro de Gênesis, capítulo 3, versículo 24 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 39).

A arca, uma caixa feita de madeira de acácia revestida de ouro por dentro e por fora, tinha cerca de um metro e dez centímetros de comprimento por 70 centímetros de altura. Em cada uma das extremidades de sua tampa se elevavam dois querubins feitos de ouro batido. Dentro da arca foram colocadas:

- As Tábuas de pedra da Aliança: “Porás o propiciatório em cima da arca; e dentro dela depositarás as Tábuas da Aliança que Eu te darei” (Livro de Êxodo, capítulo 25, versículo 21 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 180);
- Um jarro/vaso com maná: “Então Moisés orientou Arão: Toma um vaso com capacidade para dois litros e enche-o de maná e coloca-o diante do Eterno, a fim de que seja guardado para nossos descendentes!” (Livro de Êxodo, capítulo 16, versículo 33 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 166);
- A vara de Arão: “Então o SENHOR disse a Moisés: Torna a levar a vara de Arão para diante da arca das tábuas da Aliança, onde terá ela seu lugar ritual, como uma advertência para os rebeldes. Isso porá fim às reclamações do povo contra minha pessoa, e evitará que morram!” (Livro de Números, capítulo 17, versículo 10 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 314).

2.3 O templo de Salomão e outros templos antigos

Os templos foram as primeiras estruturas monumentais edificadas no mundo antigo. Considerados residências dos deuses e muitas vezes, como no caso de Israel, chamados “Casa de Deus”, o templo tinha o propósito de servir como uma espécie de palácio real para os deuses. “Depois que Salomão finalizou a construção do Templo de Yahweh, o palácio real e tudo mais que havia projetado realizar” (Livro de 1 Reis, capítulo 9, versículo 1 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 663). Nenhuma outra instituição de Israel se equiparava ao templo em termos de proeminência. Era o coração da vida religiosa da nação e o símbolo do governo dinásticos instituído por Javé. Esse templo pode ser definido como a arquitetura a serviço da declaração do reinado de Deus sobre a terra.

Será ele quem edificará uma Casa em honra ao meu Nome, e Eu firmarei o trono dele para sempre. Eu serei seu Pai, e ele será meu Filho, mesmo no tempo em que tiver que padecer pela iniquidade dos homens, Eu mesmo o punirei e açoitarei com o castigo dos humanos, aplicado por intermédio de homens. Contudo, jamais retirarei dele o meu amor, como retirei de Saul, a quem tirei do seu Caminho. A tua casa e a tua realeza, todavia, subsistirão para sempre na minha presença, e o teu trono se estabelecerá pela eternidade!” (Livro de 2 Samuel, capítulo 7, versículos 13 ao 16 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 601)

Os templos, em sua maioria, eram construídos sobre lugares elevados, de modo a manter a proeminência física condizente com sua elevada posição social. Nesse sentido, o templo de Salomão (Figura 07) foi edificado sobre o ponto mais alto de Jerusalém.

Já que não há ruínas do templo de Salomão, que foi destruído pelos Babilônios em 586 a.C., nem do imenso projeto de construção de Herodes no local do monte do Templo, destruído no século I d.C., a planta do templo só pode ser deduzida através do relato bíblico nos livros de 1 Reis, capítulos 6 e 7 e 2 Crônicas, do capítulo 2 ao 4, e da analogia com outros templos da época. Vê-se nos relatos bíblicos também que o templo de Salomão foi projetado e construído por artesãos fenícios.

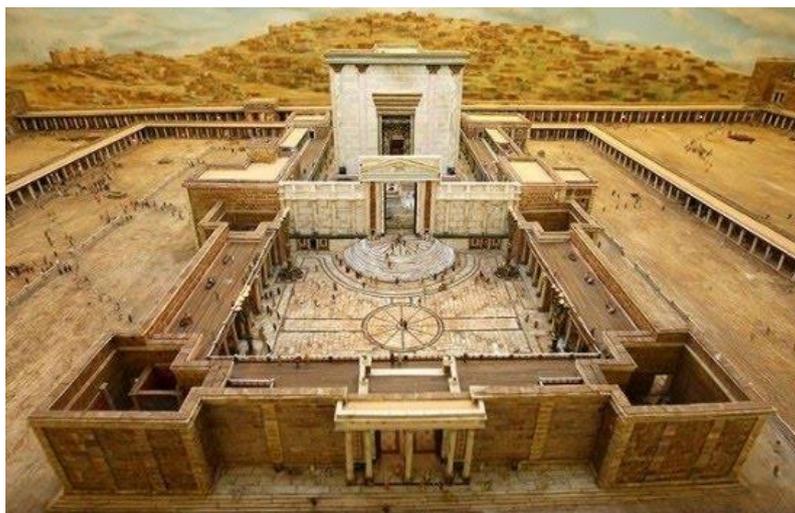
Hirão, rei de Tiro, mandou a seguinte resposta por escrito a Salomão: “Eis que *Yahweh*, de fato, ama o seu povo e, por esse motivo, te constituiu rei sobre ele!” E o rei Hirão acrescentou: “Bendito seja *Yahweh*, o Deus de Israel! Ele fez os céus e a terra e concedeu ao rei Davi um filho sábio, inteligente e que age com discernimento, a fim de edificar um templo para o SENHOR, e um palácio real para si. Estou, portanto, enviando agora Hurão-Abi, artesão sábio e muito capaz. Ele é filho de uma mulher da tribo de Dã, e seu pai, cidadão de Tiro. Ele é experiente na arte de trabalhar com ouro, prata, bronze, ferro, pedras e madeira, e em tecido roxo, azul e vermelho, bem como com o linho fino e capaz de fazer todo tipo de entalhe e

escultura. Ele pode executar qualquer projeto que lhe for proposto. Trabalhará com os seus artesãos e com os de meu senhor Davi, teu pai. (Livro de 2 Crônicas, capítulo 2, versículos 11 ao 14 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 813)

Seu desenho arquitetônico reflete as salas alongadas e os projetos de templos tripartites, típicos das construções sírio-fenícias. O plano tripartite consistia de três cortes, representando um movimento de interiorização do espaço menos sagrado ao mais sagrado. Entrava-se no templo pelo lado leste através de um pórtico sustentado por dois pilares. O átrio se abria como sala principal e no fundo ficava o santuário interior. A estrutura era circundada por vários andares de câmaras laterais, utilizadas como depósitos para as ofertas e os tributos. O complexo do templo de Jerusalém media cerca de 50 metros de comprimento por 26 metros de largura.

O Templo que Salomão edificou e consagrou a *Yahweh* tinha vinte e sete metros de comprimento, nove metros de largura e treze metros e meio de altura. O pórtico, a sala de entrada, do santuário tinha a largura do Templo, que era de nove metros, e avançava quatro metros e meio à frente do Templo. Ele mandou fazer janelas de treliças fixas para o Templo. Edificou andares em torno do Templo, encostados na parede, tanto do pátio como do santuário interior, construindo assim salas laterais ao redor. O andar térreo tinha dois metros e setenta centímetros e o terceiro andar tinha três metros e quinze centímetros. Ele orientou que se produzissem saliências de apoio nas paredes externas do Templo, e por esse motivo não foi preciso perfurar as paredes. Na edificação do Templo só foram usados blocos cortados e preparados nas pedreiras, para que assim, durante os trabalhos de construção, não se ouvisse o barulho de martelos, machados ou qualquer outra ferramenta. A porta para as salas laterais do meio estava no lado direito do Templo; e havia escadas espirais para subir ao andar do meio e deste ao terceiro. Deste modo, ele construiu e terminou o Templo, ordenando que o cobrissem com vigas e tábuas do melhor cedro. Também edificou e concluiu salas, ao redor de todo o Templo, e cada sala tinha dois metros e vinte e cinco centímetros de altura, e elas estavam ligadas ao Templo por resistentes vigas de cedro. (Livro de 1 Reis, capítulo 6, versículos 2 ao 10 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 710)

Figura 07 - Maquete representativa do Templo de Salomão



Fonte: <http://blog.opovo.com.br>, 2014

O templo foi construído com pedras lavradas, cortadas em blocos retangulares de alvenaria, e posicionadas de forma linear, tendo sido cortadas antecipadamente, para se encaixar com perfeição à parede. A parte interior era revestida de madeira de cedro do Líbano, e o santuário interior era coberto de ouro desde o teto até o chão e adornado com dois querubins independentes de 4,6 metros de altura, esculpidos em madeira de oliveira e revestidos de ouro. As asas dos querubins estendiam-se umas para as outras e cobriam a sala, criando um cenário de um trono colossal.

Em seguida olhei e observei algo semelhante a um trono feito todo em safira sobre a abóbada, a curvatura do firmamento, que estava por cima da cabeça dos querubins. Então *Yahweh* ordenou ao homem vestido de linho: “Vai por entre as rodas giratórias, por baixo dos querubins; enche as tuas mãos de brasas acesas que estão no meio dos querubins e espalha-as sobre toda a cidade!” E, enquanto eu contemplava o que estava acontecendo, ele se foi. Ora, os querubins haviam se posicionado de pé, no lado direito, ao Sul do Templo quando o homem entrou, e uma nuvem cobriu todo o pátio interior. Então a Glória de *Yahweh* se levantou de sobre o querubim e passou para a entrada do Templo; e todo o santuário se encheu da resplandecência da Glória do SENHOR. E o som das asas dos querubins podia ser ouvido até no pátio externo, como a voz do Deus Todo-Poderoso, quando ele falava. Quando o Eterno ordenou ao homem vestido de linho: “Apanha fogo do meio das rodas, dentre os querubins, ele entrou e colocou-se junto a uma roda. Então um dos querubins estendeu a mão na direção do fogo que flamejava no meio deles, apanhou brasas vivas e colocou-as nas mãos do que estava vestido de linho, que as pegou e saiu. E surgiu debaixo das asas dos querubins algo semelhante a mãos humanas. Então fixei o olhar e percebi quatro rodas junto aos querubins, uma roda ao lado de cada querubim; e as rodas reluziam como o berilo. E as quatro rodas tinham a mesma aparência, como se uma roda estivesse perfeitamente entrosada na outra. Quando elas se moviam, tinham a capacidade de ir em qualquer das quatro

direções possíveis, sem a necessidade de se virarem para o lado; mas andavam sempre em frente, para onde a cabeça dos querubins apontava e as dirigia. E os corpos, as costas, as mãos, as asas, e as rodas que os quatro querubins possuíam, estavam repletos de olhos por toda parte. E ouvi que as rodas eram chamadas de *Galgal*, Turbilhão ou Giratórias. Cada um dos querubins tinha quatro faces: Um rosto se assemelhava ao de um boi, isto é, *querubim*; o segundo, de um homem, o terceiro de um leão, e o quarto, de uma águia. Então os querubins partiram em direção às alturas. Eles são os mesmos seres viventes que observei junto ao rio Quebar. E, quando os querubins andavam, as rodas giratórias ao lado deles também se movimentavam; e quando os querubins erguiam suas asas para se elevar da terra, as rodas não deixavam de segui-los de perto. Quando eles paravam, elas também paravam; e quando eles se elevavam, elas se elevavam junto; pois o ânimo das rodas era controlado pelos querubins. Então aconteceu que a Glória de *Yahweh* afastou-se para longe da entrada do Templo e parou sobre os querubins. Enquanto eu contemplava tudo isso, os querubins estenderam as asas e se elevaram do chão diante dos meus olhos, sempre acompanhados pelas rodas giratórias; e pararam à entrada Oriental do Templo do SENHOR, e a Glória do Deus de Israel estava sobre eles. (Livro de Ezequiel, capítulo 10, versículos 1 ao 19 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 1502)

A decoração do templo de Salomão continha símbolos de fertilidade e fartura: tamareiras e flores abertas foram entalhadas no cedro e revestidas e adornadas com ouro; romãs e conjuntos de correntes foram confeccionados no capitel (peças que ornamentavam a parte do alto das colunas). Botões de flores e cálices formavam os recipientes dos dez candelabros. O santuário interior (o Lugar Santíssimo) é o detalhe em que o Templo de Salomão difere dos outros templos do antigo Oriente Médio. Enquanto os outros santuários abrigavam a imagem de um deus, de modo a representar a divindade, o templo israelita não continha nenhuma imagem de deus. O único símbolo da entronização de Javé sobre o seu povo era a arca da aliança. Em resumo: o templo era o palácio de Javé na terra, o Lugar Santo seria a sala de audiências, e o Lugar Santíssimo, a sala do trono.

2.4 O Templo de Herodes

O apogeu do Templo de Salomão encerra-se com o exílio do povo judeu para a Babilônia. Ele é destruído e fica em ruínas. Em 539/538 a.C., Ciro (persa) derrotou os babilônios e mudou a política de despovoamento e dispersão de povos em terras estrangeiras, permitindo que os judeus retornassem à sua terra natal. O primeiro grande desafio foi a reconstrução do templo em meio à oposição externa e a negligência interna.

“Assim diz *Yahweh*, o SENHOR dos Exércitos: Este povo murmura: ‘Não chegou ainda o momento certo, o tempo para se reconstruir a Casa de *Yahweh*!’” Por este

motivo a Palavra do SENHOR foi uma vez mais comunicada por meio do seu profeta Ageu, dizendo: “Porventura é tempo de habitardes em casas com luxuoso acabamento, enquanto a minha Casa continua em ruínas?” Assim ordena *Yahweh Tsábá*, o SENHOR dos Exércitos: “Considerai, pois, o vosso passado! Semeastes muito, mas colhestes pouco! Comeis, mas não vos satisfazeis; bebei, mas não conseguis matar a sede; vesti-vos, mas ninguém se sente aquecido e confortável; e o que recebe salário, recebe-o para depositá-lo numa bolsa furada!” Assim, pois, declara o Eterno dos Exércitos: “Considerai o vosso passado; refleti sobre o que tens feito! Portanto, subi sem demora o monte, trazei boa madeira e edificai o *Bayith*, a Casa, para que Eu me alegre dela e nela seja glorificado!” Exorta *Yahweh*. “De fato, esperastes muito, mas veio pouco; e esse pouco, quando o levastes para casa, Eu ainda o dissipei com um só sopro. E agi deste modo por que motivo?” Questiona o SENHOR dos Exércitos. “Ora, porque deixastes a minha Casa sob escombros, ao passo que cada um de vós só da atenção à sua própria casa e bens! Por esta razão, por causa de vós mesmos, o céu reteve o orvalho e cessou de dar o seu fruto costumeiro. Nos campos e nos montes provoqueei uma seca que afetou sobremaneira o trigo, o vinho, o azeite e tudo mais que a terra produz, e também todas as pessoas e os rebanhos. O trabalho das vossas mãos foi prejudicado!” (Livro de Ageu, capítulo 1, versículos 2 ao 11 - Bíblia na versão King James Atualizada, p.1710)

A restauração era indispensável para o povo judeu, pois acreditavam que a presença e a benção de Deus seriam restabelecidas com ela, e um sacerdócio forte era necessário para reinstaurar o culto local conforme prescrito na lei, nos livros dos profetas Ageu e Zacarias, nos capítulos dois e treze, respectivamente.

Impelidos à ação pelos profetas e com o apoio financeiro persa, o chefe da tribo de Judá, Zorobabel, e o sumo sacerdote Josué concluíram com sucesso o projeto, consagrando o templo em 516/515 a.C.

Dessa maneira, os líderes dos judeus continuaram a construir e a prosperar, encorajados pela pregação dos profetas Ageu e Zacarias, descendentes de Ado. Eles concluíram a reedificação da Casa, de acordo com as orientações do Deus de Israel e os decretos de Ciro, Dario e Artaxerxes, reis da Pérsia. E o templo foi terminado no terceiro dia do mês de Adar, isto é, entre fevereiro e março, no sexto ano do reinado do rei Dario. E os israelitas, entre eles os sacerdotes e os levitas, e o restante dos exilados celebraram com júbilo a dedicação desta Casa de Deus. (Livro de Esdras, capítulo 6, versículos 14 ao 16 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 889)

Os templos serviam como centros regionais de poderes e ajudavam a manter a obediência civil e a lealdade política. Portanto, não deve ter sido coincidência o fato de os persas autorizarem a reconstrução do segundo templo logo depois de subjugarem o Egito, em 526/525. De bom grado, eles, comissionaram Esdras e Neemias alguns anos depois de controlar a revolta no Egito, pois os sistemas governamentais baseados nos sacerdócios eram

menos ameaçadores ao persas que a as monarquias locais. De igual forma os persas esperavam receber o favor e o apoio das divindades locais e de seus sacerdotes, que intercediam pela prosperidade do império.

Por centenas de anos, o templo de Jerusalém foi o centro da vida judaica. Nos séculos que se seguiram até a era do Novo Testamento, o edifício pós-exílico reconstruído por Zorobabel sofreu muitos danos. A renovação e a expansão dessa estrutura dilapidada deu a Herodes, “o Grande”, a oportunidade para construir o maior de seus numerosos projetos de construção e talvez a estrutura mais impressionante que se viu em Jerusalém. As obras no templo de Herodes começaram em 20/19 a.C., e, embora a maior parte estivesse concluída em dez anos, os acabamentos continuaram até 63 d.C. Herodes enfrentou um desafio importante: o tamanho do templo estava limitado pelo precedente bíblico do templo de Salomão, uma estrutura bastante modesta, mas os templos pagãos da época do Novo Testamento eram gigantescos, e, se o templo de Jerusalém se limitasse aos padrões bíblicos, seria muito pequeno em comparação com os outros. O templo de Zorobabel teve de ser destruído, e os três vales das imediações foram aterrados. Fortes muros de retenção ajudavam a apoiar a plataforma da área do templo (hoje, o muro de retenção ocidental é o conhecido como Muro das Lamentações). O templo e seus pátios criaram uma forma de paralelograma, medindo 485 metros no lado ocidental, 468 metros no lado oriental, 315,5 metros no lado norte e 278 metros no lado sul. A área do templo era essencialmente um conjunto de pátios concêntricos, cada qual mais santo à medida que se aproximava do templo em si: o primeiro deles, o pátio dos gentios, incluindo o mercado e a área dos cambistas, frequentado também pelos pedintes cegos e aleijados e pelas crianças. Só homens e mulheres podiam entrar no pátio das mulheres, que continha cofres para os dízimos, que ajudavam nas despesas do templo; foi o local da contribuição da viúva pobre da passagem do livro de Marcos, capítulo doze. Só os homens judeus ritualmente limpos podiam ir além e entrar no pátio de Israel.

Quando Jesus veio ao templo e “observou tudo à sua volta” (Marcos 11:11), estava inspecionando essa área. Só os sacerdotes podiam passar para a área seguinte do templo. O aceso continha um altar de pedras inteiras, uma varanda e por fim o próprio templo. Construído de mármore e ouro, o templo fora edificado com as mesmas especificações do antigo templo de Salomão. Pontas douradas revestiam o telhado para impedir os pássaros de pousarem ali e sujarem a estrutura. Depois que se entrava no próprio templo, chegava-se

primeiro ao Lugar Santo, que continha o candelabro, a mesa para os pães da Presença e o altar de incenso, todos fundidos em ouro puro. Separado por uma cortina grossa e bordada, o Santo dos Santos continha uma única pedra, na qual o sumo sacerdote oferecia incenso e aspergia sangue uma vez por ano, no dia da expiação (a arca da aliança fora perdida havia muito tempo). Alguns acreditam que o Santo dos Santos ficava situado onde está posto hoje o domo da rocha, o lugar santo do islamismo. Outras estruturas importantes foram erguidas nas imediações do templo. A fortaleza Antônia, ao norte do templo, era o quartel das tropas romanas em Jerusalém, os soldados da fortaleza podiam entrar na área do templo rapidamente, se necessário, como na ocasião em que se iniciou uma revolta na visita de Paulo.

Enquanto estavam tentando matá-lo, chegou ao comandante das tropas romanas a informação de que toda a cidade de Jerusalém estava sob grande tumulto. Então, no mesmo instante, reuniu alguns de seus soldados e oficiais e correu até o centro da multidão alvoroçada. Quando viram o comandante com seus soldados, pararam de espancar a Paulo. (Livro de Atos, capítulo 21, versículos 31 e 32 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 2131)

No lado sul do templo, ficava a casa de reuniões do Sinédrio e um local de banho para um ritual de imersão que era uma exigência para entrar nessa área do templo. Como centro social, o templo era o local mais importante de educação e debate na Judéia, assim como o palco de muitos acontecimentos registrados nos evangelhos, especialmente a expulsão dos mercadores por Jesus. As ações e palavras de Jesus na ocasião criaram uma “parábola dramatizada”. Ele estava furioso não apenas com a extorsão, mas também com o fato de os cambistas ocuparem o pátio dos Gentios, o que limitava o acesso a essa área.

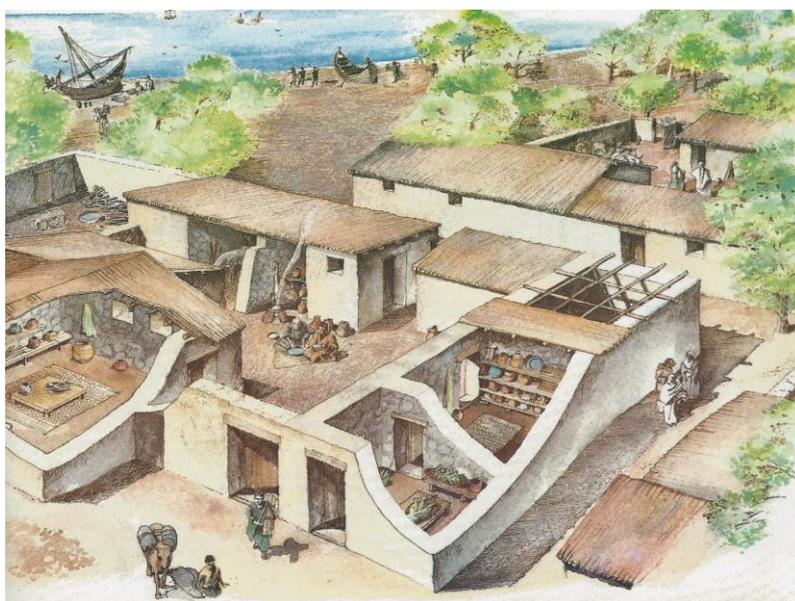
Apesar de toda essa glória, o templo de Herodes teve vida curta. Concluído em 63 d.C., foi destruído em 70 d.C., pelos romanos. A previsão de Jesus a esse respeito, feito a seus discípulos, se cumpriu: “Ele, entretanto, lhes observou: ‘Estais vendo todas estas coisas? Com toda a certeza Eu vos afirmo que não ficará aqui pedra sobre pedra, pois que serão todas derrubadas’ O princípio das dores” (Mateus 24:2).

2.5 A Igreja Primitiva (igrejas domésticas e edifícios eclesiásticos primitivos) no advento do Cristianismo

O livro bíblico de Atos proporciona o único registro histórico das atividades dos cristãos primitivos desde a época da ressurreição de Jesus até a conversão de Paulo. Os primeiros cristãos começaram a estabelecer uma vida em comunidade. A perseguição também desempenhou um papel importante na difusão das boas-novas e no crescimento da igreja primitiva. Enquanto os cristãos migravam a fim de evitar a perseguição, estabeleciam novas comunidades cristãs nas vilas, aldeias e cidades em que se estabeleciam. Esses cristãos primitivos normalmente se reuniam para adorar e ter comunhão em casas particulares, conforme ilustrada na figura 08.

Registros arqueológicos dão conta que, como regra geral, essas casas tinham uma planta baixa que refletia o padrão comum de três aposentos de tamanho médio, uma pequena despensa, uma espécie cozinha e um lugar para o ritual do banho. As paredes eram cobertas com uma camada fina de gesso de pedra calcária, o assoalho era de chão batido e as frágeis coberturas provavelmente eram construídas com galhos de árvore cobertos com lama e palha, de acordo com o Dicionário Ilustrado da Bíblia (p.273 - 276).

Figura 08 – Casa típica de uma aldeia na época de Jesus



Fonte: <http://sermaoesbocos.blogspot.com.br>

Uma variação para o local de reuniões dos cristãos era também as *ínsulas*, uma espécie de edifício de múltiplos andares divididos em numerosos apartamentos, chamados cenáculos. Os andares superiores eram acessados por escadarias externas. Os cristãos mais influentes, com casas mais espaçosas, abriam as portas para seus irmãos e irmãs em Cristo. Essas casas maiores apresentavam um assoalho de pedra calcária batida e paredes repletas de figuras decorativas. As cartas do Novo Testamento mencionam diversas igrejas domésticas, nas quais os cristãos se reuniam.

Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus. Arriscaram a vida por minha causa, e por isto lhes sou muito grato, e não somente eu, mas todas as igrejas dos gentios. Saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles. (Carta de Romanos, capítulo 16, versículos 3 a 5 - Bíblia na versão King James Atualizada, p. 2190)

Com a expansão do evangelho para Roma, começa-se a construir locais específicos para cultos.

2.6 As igrejas desde a era cristã, até o advento da Reforma Protestante

Em Aqaba, na área da cidade romana de Ayla, foram localizadas as ruínas de uma igreja do ano 280 d.C. De acordo com o autor Luis Dufaur, em sua publicação no blog “ciência confirma igreja”, talvez esse tenha sido o primeiro edifício construído especificamente para o culto cristão.

Após o Edito de Milão (313 d.C.) do imperador Constantino, que aboliu as perseguições contra cristãos, floresceram igrejas por todo o Império. Algumas delas foram erguidas sob a supervisão da própria mãe do Imperador, a Imperatriz Santa Helena. Tal é o caso da primeira igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém (Figura 09) e a igreja da Natividade em Belém (Figura 10). A igreja do mosteiro de Santa Catarina, na península do Sinai, seria a mais antiga igreja aonde o culto católico vem sendo praticado, se não fosse a fratura imposta pelo cisma que tirou esse mosteiro da Igreja.

Figura 09 - Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém



Fonte: <http://viajeaqui.abril.com.br>, 2016

Figura 10 - Igreja da Natividade em Belém



Fonte: <http://catolicos.vialumina.com.br>, 2015

A Basílica de São Pedro (Figura 11) representa uma das maiores igrejas do cristianismo. A Bíblia diz que um dos doze apóstolos de Jesus Cristo, Simão Pedro, assumiu a liderança do grupo após a crucificação do mestre. De acordo com esse relato, Pedro teria dado início a uma igreja quando viajou para Roma e evangelizou grande parte da população local. Entretanto Pedro também sofreu a mesma sentença de seu mestre Jesus, e foi crucificado no ano 64 durante o governo do imperador Nero.

Figura 11 - Basílica de São Pedro



Fonte: <http://www.acidigital.com>, 2013

Anos se passaram e o local marcado como túmulo de Pedro foi alterado com a construção de um santuário. Somente trezentos anos depois de sua morte que foi construída na área correspondente ao seu túmulo, a Basílica de São Pedro. A construção foi ordenada pelo imperador Constantino e manteve-se de pé até o início do século XVI. Nada dessa basílica original sobrou para os dias atuais, mas ela foi reconstruída através de informações encontradas em fontes arqueológicas e desenhos antigos. O edifício atual foi consagrado pelo papa Urbano VIII.

A basílica original construída por ordem de Constantino começou a perder seu valor ainda durante a Idade Média em função do exílio dos papas em Avignon. Já no século XVI, o papa Júlio II decidiu pela derrubada da antiga igreja e a construção de uma nova basílica. Entre os arquitetos que participaram da nova Basílica de São Pedro, estiveram nomes famosos como Rafael e Michelangelo. A construção levou aproximadamente 150 anos para ficar pronta e resultou no edifício que existe até hoje. Depois de terminada, ainda assim, foram necessários alguns reparos e, um século depois, ainda acrescentou-se uma sacristia na época do papa Pio VI, o que demarcou oficialmente o fim das obras. Na década de 1950, intensificaram-se as escavações na região da Basílica de São Pedro. Os pesquisadores retiraram terra utilizada na terraplanagem feita em função da construção original ordenada por Constantino e encontraram uma necrópole e fragmentos de ossos. Assim, ficou provado que o corpo de Pedro estava enterrado sob o altar da basílica. Localizada na Praça de São Pedro, que

fica no Vaticano, a basílica é o edifício mais proeminente do local e conta com 340 estátuas que servem de adorno.

Outra basílica que merece destaque é a de São Paulo fora da Muralha (Figura 12), fundada pelo imperador romano Constantino I sobre o túmulo do apóstolo Paulo, exatamente no local onde, depois da decapitação dele, seus discípulos construíram um memorial. Este primeiro edifício foi ampliado por Valentiniano I na década de 370. Em 386, Teodósio I começou a construção de uma basílica muito maior e mais bonita, dotada de uma nave central ladeada por dois corredores de cada lado com um transepto; a obra, incluindo a suntuosa decoração em mosaico, só se completou no papado de Leão Magno (440–461). Nesta época, São Paulo fora da Muralha era maior que a Antiga Basílica de São Pedro. O poeta cristão Prudêncio, que a visitou na época do imperador Honório (395–423), descreveu o que viu em poucas linhas bastante expressivas.

Figura 12 - Basílica São Paulo fora da Muralha



Fonte: <http://m.gaudiumpress.org> (2013)

O pórtico coberto, que precede a fachada, é uma adição neoclássica de uma reconstrução que o local sofreu no século XIX. A porta do século XX incorpora o que restou da original constantinopolitana, que tinha cenas do Antigo e do Novo Testamento. À direita está a Porta Santa, que é aberta apenas durante um jubileu. A nova basílica manteve a estrutura original de uma nave e quatro corredores. As oitenta colunas da nave e o teto decorado em estuque são do século XIX.

De ordo com a tradição, o corpo de Paulo foi enterrado a pouco menos de quatro quilômetros de seu martírio, num local à beira da Via Ostiense que pertencia a uma cristã chamada Lucina. Constantino I edificou sua basílica nesse local e esta foi substituída no século IV pela basílica maior, destruída no século XIX. Nesta época, os restos mortais de Paulo, com exceção de sua cabeça, foram colocadas num sarcófago (conta a tradição que a cabeça está em São João de Latrão) sob uma laje de mármore na cripta da basílica, a pouco menos de 1,5 metros abaixo do altar-mor.

Quanto às igrejas protestantes, a mais antiga é a luterana, fundada por Martinho Lutero em 1524. A Igreja Católica já existia há mais de mil e quinhentos anos quando ela surgiu. Foi chamada de "protestante" justamente porque protestava contra as antigas práticas da Católica.

3 TEMPLOS CATÓLICOS, TEMPLOS PROTESTANTES (HISTÓRICOS E PENTECOSTAIS) E SUAS RELAÇÕES COM OS MOMENTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

De acordo com o escritor Edin Sued Abumanssur, em seu livro intitulado por “As moradas de Deus”, existem diversas maneiras de se representar o sagrado e a arquitetura é uma delas.

3.1 Modernidade, Religião e Arte

O protestantismo é moderno em sua busca de racionalidade administrativa na sociedade. O homem moderno procura de todos os modos, colocar as coisas sob seu governo. Administrar é prever, antecipar, é planejamento e controle. A racionalidade está na organização da produção, no gerenciamento da mão-de-obra, na realização dos lucros.

No universo das empresas há também um elemento que acaba permanecendo fora dos controles administrativos: o desejo do consumidor. É nessa visão sobre o controle exercido encima da vontade do consumidor, que surge a noção do marketing. O indivíduo visto como consumidor de mercadorias, de serviços, ou de benefícios concedidos pelo estado, é passível de ser tabulado, enquadrado e, conseqüentemente, gerenciado.

Na modernidade, as ciências também acabam sendo incluídas em um novo patamar a partir do qual são pensadas. O universo passa a ser visto a partir de leis que o obrigam, e cabe à ciência descobrir, iluminar e explicar essas leis que mantêm a ordem das coisas. A atitude científica do homem moderno acaba sendo também uma atitude religiosa.

Max Weber, em seu livro "Rejeições religiosas do mundo e suas direções", afirma que a secularização não significa o fim da religião, porém o declínio da magia. Religião e magia são fenômenos distintos e o divisor deles é a racionalidade. O domínio das coisas na modernidade é baseado no cálculo e na razão.

De acordo com o autor, a modernidade é “o recolhimento da religião para a esfera privada”. Referindo-se à história, a secularização se mostra no processo de retirada das igrejas cristãs de áreas que antes estavam associadas a elas: É a separação entre a igreja e o estado, expropriação dos bens da igreja ou, ainda, a sua perda do monopólio da educação.

O processo econômico moderno, com sua racionalidade, foi o responsável por desfazer os mitos a respeito da vida. O próprio cristianismo carregava em si elementos latentes que, ao serem ativados, contribuíram para levar adiante a experiência de se viver no mundo mais afastado da religião propriamente dita e mais próxima do relacionamento pessoal com Deus. Comparado com o catolicismo, o protestantismo significou um imenso encolhimento das esferas das tradições e dogmas.

Embora a intenção dos primeiros protestantes, ao enfatizar a inacessibilidade de Deus, fosse realçar a sua majestade, tornando o homem completamente dependente da graça divina, o resultado disso acabou sendo a redução das possibilidades de comunicação com o sagrado, tal como ritual litúrgico.

O estilo de vida urbano está intrínseco ao homem moderno, mas a própria cidade também foi objeto do processo de secularização. Dos eventos da modernidade, a cidade surge como sua expressão mais acabada e onde a secularização é mais visível, e também como lugar onde o homem pode melhor realizar suas possibilidades de vida autônoma. O espaço urbano é a antítese da natureza, isto é, do mundo não trabalhado e modificado pela ação humana. Natureza é também o mundo do intangível, das origens e dos fins, o mundo do mito e do sagrado.

A característica da cidade moderna é que, pela primeira vez, o estilo de vida urbano não é determinado, mas determina a política, a economia e a cultura para espaços que extrapolam os limites da área urbana. Neste sentido, pode-se dizer que a cidade é uma criação da modernidade.

O homem metropolitano desenvolve uma incapacidade de reagir a novas sensações com energia apropriada. A essência dessa atitude consiste no enfraquecimento do poder de discriminar. Para o homem das grandes cidades, as coisas todas se equivalem, não há diferença de significado ou valor entre elas; a realidade adquire uma mesma tonalidade cinza, uniforme.

Os controles sociais burocratizados, fundados sobre uma ordem que expresse as hierarquias entre as classes ou camadas sociais, são próprios das grandes metrópoles. Weber define a cidade como um estabelecimento econômico, ou seja, como um local de mercado o qual deve se apresentar como uma associação autônoma em algum nível, como aglomerado com instituições políticas e administrativas especiais. A categoria cidade se aplica, portanto, a

aglomerados humanos que desenvolvem não apenas uma política econômica própria, mas também uma política administrativa peculiar, isto é, voltada para si mesma. A racionalidade administrativa obriga a um tratamento indiferenciado dos indivíduos.

Ao eleger o fenômeno arquitetônico como ponto de vista privilegiado para observar o lugar do sagrado nas metrópoles, não poderia deixar de destacar a relação entre ambos. Do ponto de vista da arquitetura, o século XIX foi um momento áureo da urbanística. Foi aí que se iniciou a busca de soluções para os grandes problemas de habitação, transporte e comunicação surgidos a partir da revolução industrial.

Foi também no século XIX que o espaço urbano público mudou seu uso, e transitou em um lugar marcado pelos eventos religiosos para outro secular. A ideia do espaço de uso comum transformou-se gradualmente, caminhando do sagrado para o profano, até vir a se tornar mundana por completo. As motivações que sustentaram as normas durante a época colonial e no Brasil imperial deixaram, depois de proclamada a república, de se referenciar nos interesses eclesiásticos e litúrgicos para buscarem os interesses da cidade e seus usuários.

Até o fim do século XVII, as manifestações públicas religiosas eram também oficiais e obrigatórias para todos os súditos de um governo que andava de braços dados com a Igreja. As procissões espelhavam a ordem social pela maneira como as pessoas se disponham durante o percurso, ocasião para ver e ser visto, para mostrar sua riqueza, proclamar e confirmar o seu prestígio e seu papel no clero ou no governo.

Mas, deixada de lado toda manifestações religiosa e forte presença da Igreja Católica, a secularização avança e também se evidencia na maneira como passaram a ser usadas nas áreas urbanas de domínio público. O crescimento da malha urbana, o adensamento da população, a dinamização da cidade como unidade comercial acabaram por impor novos ritmos, preocupações e interesses ao povo e o seus governantes.

A maioria das cidades brasileiras surgiu e se desenvolveu em torno de lugares sagrados, ou seja, aqueles definidos para uso em função do culto, a saber, as igrejas e os cemitérios; eventualmente os hospitais por seu fim de caridade. As motivações religiosas foram as primeiras a darem sentido e tornarem necessário um sistema de circulação na cidade. As primeiras ruas traçadas tinham a função de ligar os lugares sagrados que foram marcos referenciais definidores da malha viária da cidade nascente, do arruamento e seu traçado

original. Geralmente os lugares elevados da cidade eram destinados aos templos em que dominavam a paisagem.

Figura 13 – Basílica Nossa Senhora do Carmo, Recife



Fonte: <https://patrimonioespirtual.org>, 2015

O crescimento urbano e outros interesses, os econômicos e também os que dizem respeito à segurança pública, impuseram, nos anos setecentos, novos critérios para as decisões urbanísticas com a consequente perda da supremacia do sagrado. Novas exigências alheias às demandas das festas e eventos religiosos, fruto do adensamento populacional e do enriquecimento da vida cotidiana, impuseram a cidade novas soluções, importadas ou não de outros centros mais desenvolvidos.

A cidade é, então, o lugar ao qual se pode aplicar com mais propriedade o adjetivo moderno. Aos critérios de racionalidade, universalidade e funcionalidade, que orientaram as conquistas civis no campo das organizações e estruturas sociais, acresce-se a secularização que democratizou e enriqueceu o uso do espaço urbano. Essa dessacralização foi antes uma negação lenta, porém contínua, da hegemonia de uma agência atribuidora de sentido. A Igreja, a Católica no caso brasileiro, passou a disputar com organizações civis do Estado, conforme estas foram ganhando legitimidade e autonomia, e com outras igrejas que se instalaram aqui no século XIX, a competência na ordenação e significação do solo urbano.

Aos valores oriundos do universo da religião se superpuseram aos econômicos, os políticos e os associativos atendendo a interesses variados de diferentes grupos sociais.

É na cidade moderna que vemos surgir o indivíduo e sua contraface ideológica, o individualismo. Na modernidade o homem, torna-se um valor, a pedra angular sobre

a qual se constrói a vida das grandes cidades. Em uma sociedade de massa é, portanto, composta por pessoas vistas não como sujeitos particulares, mas como seres genéricos, enquadrados em clichês e passíveis de serem tratados como números. Na democracia clássica a pessoa não era uma figura isolada, ensimesmada em um universo particular de busca de auto realização, era, antes, parte relevante do processo de formação da opinião através da discussão e decantação de diferentes pontos de vista. (SUED, Edin – As Moradas de Deus, 2004, p.41).

Porém, surge a seguinte pergunta: “como seria este indivíduo antes de ser moderno?” As primeiras mudanças na vida social e no imaginário cotidiano, que desaguaram na construção da individualidade moderna, começam a surgir já no século XII. Até então, as pessoas não eram vistas, ao menos no trato diário como singularidades, mas, antes, como membros de alguma corporação ou grupo estamental. O indivíduo vivia sua vida em companhia de familiares, criados, vassalos, senhores. O mundo privado transcendia-o e incorporava outras pessoas.

Era tão normal a vida na sociedade feudal ser vivida em grupo que, qualquer pessoa que buscasse se afastar do convívio dos demais e se isolasse, era vista com suspeita. Apenas os considerados loucos ousavam andar sóis, pois eram grandes os perigos aos quais se expunham. As tentações também eram melhor vencidas se vividas coletivamente.

Os sinais e sintomas do surgimento do indivíduo podem ser encontrados até mesmo no âmbito da vida religiosa. Cresceu, já no século XII, a ideia de que a salvação ia além da fidelidade passiva aos ritos e da submissão à Igreja. Fez-se necessária uma transformação de si mesmo, introspecção, exploração da própria alma. A vida religiosa, portanto, também contribuiu para o florescimento do homem singular, reflexivo, autoconsciente. As ordens que iam surgindo, como a beneditina e outras, seguiram os passos, cada uma delas subindo um degrau em direção ao isolamento do indivíduo. O individualismo na busca da experiência religiosa não é, portanto fenômeno surgido com a reforma protestante, uma vez que, desde o século XII, as ordens religiosas vinham propondo uma vida de recolhimento pessoal. O século XIV experimentou essa tendência de busca introspectiva e o que antecedeu a Reforma foi um florescimento de uma revolução menos litúrgica, menos ligada aos parâmetros eclesiásticos.

O movimento moderno é o único por ser ele o eixo em torno do qual se constrói seu mundo. Aquele era elevado para exemplo e admiração; este se perde na massa e necessita perder-se para viver sua experiência privada de autocentramento. Aquele era indivíduo por viver de acordo com as regras e dinâmicas da sociedade que lhe oferecia e possibilitava a

oportunidade de se diferenciar; este o é indivíduo por viver segundo nova ordem individualista na qual "o indivíduo tenta se tornar produtor por sua própria conta, e às vezes a ponto dessa iniciativa levá-lo ao desconhecimento cínico ou agressivo dos outros".

Uma das marcas da modernidade é a forma como o sagrado é vivenciado. No caso da religiosidade do indivíduo moderno há uma privatização do sagrado, e pode-se encontra-la entre os novos pentecostais e, insuspeitadamente, entre os fiéis das igrejas protestante e Católica.

É nesse contexto moderno de "imediatismo" em que o fiel passa a ser visto e tratado como consumidor. Vale lembrar que o indivíduo moderno apenas surge a partir da racionalidade do modo capitalista de produção que implicou na divisão técnica do trabalho dentro das fábricas para efeitos de maior controle do processo produtivo. A especialização, por sua vez, significou duas coisas: a alienação do trabalhador que deixou de perceber o processo de trabalho em sua globalidade, afunilando o seu saber, sua técnica e sua ação sobre um segmento limitado da produção, e em segundo lugar o isolamento do trabalhador em seu posto, subtraindo-lhe qualquer necessidade de interação com os colegas para efeitos de concretização de sua tarefa. Tanto a percepção da totalidade do trabalho quanto a convergência e coordenação das tarefas, davam-se em outra instância administrativa.

O trabalho, assim racionalizado, prescindia de um corpo coletivo e concentrava-se na mão-de-obra de homens e mulheres, contratados como tais e pagos exclusivamente pelo dispêndio diário de sua energia em uma máquina. A ação produtiva, no modo capitalista de produção das empresas modernas, centrava-se, pois, na mão-de-obra remunerada individualmente. O trabalhador perdeu sua identidade enquanto sujeito/ pessoa e incorporou-se na produção como ferramenta necessária ainda, naquela época, porém substituível como qualquer outra.

Se no modo de produção anterior ao capitalista as famílias extensas eram a garantia do número necessário de mão-de-obra para a produção material da subsistência, e a solidariedade interna ao corpo familiar era forçada justamente por essa necessidade, o mesmo não se pode dizer do modo moderno de produzir. O trabalho e sua remuneração, centrados no indivíduo, não só diminuíram o tamanho necessário dos grupos familiares, mas também enfraqueceram seus laços de solidariedade. Esse fator econômico contribuiu para o surgimento do indivíduo moderno com características bastante distintas daquele gestado na Idade Média. Para os tempos modernos, no limite da produção material da vida, o indivíduo basta-se a si mesmo. (SUED, Edin – As Moradas de Deus, 2004, p.49).

Quanto às imagens, é percebido que existe uma relação entre o indivíduo, anteriormente citado, com a racionalidade moderna e isso influencia e é expressado através da arte. Baseado no pensamento do autor Edin Sued, existe um paralelo entre expressões artísticas e a religiosidade moderna e basta saber como a arte pode auxiliar na compreensão da religiosidade do homem moderno.

Falando-se em religião cristã, o problema estético surge como consequência do problema do conhecimento de Deus.

3.2 O Legado Protestante

O século XVI assistiu ao ascenso da religiosidade das massas. Até então o cristianismo fora uma religião de clérigos que dirigiam e enquadravam toda a devoção popular. No entanto, no século XVI, a Europa era mais urbana e independente em sua alma coletiva.

A multidão de fiéis, agora mais exigente, demanda maior instrução religiosa. Os pregadores crescem em importância e a pregação adquire, embora não explicitamente, caráter sacramental. A insistência na pregação expunha as fraquezas de um clero mal formado e capaz de atender as novas necessidades dos crentes. Mais do que nos abusos financeiros da cúria romana, no seu faustoso estilo de vida, no desgreamento de muitos monges e no grande número de padres concubinários, a fraqueza da igreja residia antes na ausência da palavra pregada.

É mais comum ouvir falar da ênfase que os protestantes deram a pregação, fazendo dela parte principal do seu culto. No entanto, a Igreja Católica não permaneceu insensível aos reclamos do novo século. Ela também sofreu uma reforma e buscou instruir seus párocos e, através deles, o povo. As igrejas construídas depois do concílio de Trento eram propositadamente menores e assim o pregador podia ser ouvido por todos.

Em ambos os lados do muro que dividia a cristandade Ocidental, o problema da formação dos pastores foi atacado frontalmente. Academias protestantes e seminários católicos acabaram por dar ao povo um clero mais bem formado que o atendesse na sua necessidade de instrução.

Por ocasião da reforma, os conceitos vigentes de igreja e sacerdócio já não gozavam de tranqüila unanimidade e Lutero deu seguimento a ideia de Wyclif (1378) de que a igreja de

Cristo era a mais invisível assembleia dos eleitos. Essa igreja triunfante estava acima da militante que devia sua legitimidade à massa dos fiéis.

Como já citado anteriormente, a devoção individual pode ser encontrada a partir do século XII, mas essa forma de culto não era própria da espiritualidade medieval e só ganhou espaço em meados do século XV. Esse tipo de devoção e o culto particular são, talvez, as marcas mais representativas da alma protestante. Até então, a vida devocional circunscrevia-se aos mosteiros e ordens religiosas.

Lutero

Quando a Reforma foi levada a efeito, havia, no interior da Igreja Católica vários outros movimentos que buscavam também uma purificação do culto e da vida religiosa. A sua época, Lutero não era o único a levantar as fraquezas, abusos e problemas existentes na Igreja. De vários lados surgiam críticas de inspiração humanista, e apelos contra a corrupção e excessivo materialismo no trato com as coisas terrenas. É por causa disso que pode-se dizer que, quando Lutero fixou as 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittemberg, ele não estava fazendo nada de excepcional. Esse era um costume que os intelectuais eruditos faziam quando queriam publicar suas ideias e era uma espécie de convite para o debate acadêmico. Não havia nenhum interesse declarado de se provocar um cisma na igreja: as suas teses não eram as primeiras a criticar algumas práticas eclesiásticas e nem tinham um caráter ou redação revolucionários de acordo com Jean Delumeau em seu livro "A Civilização do Renascimento" (p. 126). A forma como as coisas aconteceram se deu mais em função da conjuntura política que a Alemanha e toda a Europa viviam do que, simplesmente, pelos méritos de Lutero. Ao lado, havia a Cúria Romana com seu poder enfraquecido pelos sucessivos questionamentos quanto autoridade temporal do papa e pela corrupção e mundanidade no trato das coisas materiais; de outro, o crescente interesse dos reis e príncipes em antagonismo com os interesses de Roma; O fortalecimento dos nacionalismos e o desejo de autonomia política. A Alemanha era apenas um complexo de principados e territórios com um enfraquecido poder imperial.

Quando Lutero condenou a venda de indulgências, ele estava atacando e ferindo uma das principais fontes de recursos e barganhas da igreja de Roma. Então, em três anos, Lutero se ergue como líder e guia espiritual de uma Alemanha fracionada e politicamente fragilizada, mas economicamente e culturalmente próspera.

Logo após esse acontecimento, Lutero se escondeu por dois anos que foram dedicados a tradução da Bíblia para o alemão. Esse ,talvez, tenha sido o tempo em que houve mais contribuição para o avanço da reforma: a Bíblia, que foi posta finalmente nas mãos dos leigos sendo lida e interpretada a partir do senso comum, das necessidades e dos anseios de cada leitor. Lutero, então, visava a reforma religiosa e não a revolução política no Império.

Lutero acreditava que a salvação que Deus oferecia era gratuita, independente dos méritos de cada indivíduo. Essa convicção da graça e do amor de Deus fortaleceu o espírito dele para levar adiante a sua luta. Quanto à salvação, Lutero acreditava que ela era medida pelo medo do inferno e desejo de agradar a Deus e que o se entregar à graça de Deus seria a única forma de escapar do merecido castigo.

Com a morte dele em 1546, a disputa interna do luteranismo e o vigor da reforma na Alemanha enfraqueceu, abrindo espaço para as ideias e doutrinas teológicas que vinham da Suíça, especificamente de Genebra. A reforma calvinista acabou se espalhando com maior consistência que a luterana.

a) Calvino

Comparando-se a reforma trazida por Lutero, a de Calvino, num certo sentido, é mais radical porque está firmada na serenidade racional e orientada.

Quando Calvino chegou à idade adulta, a divisão da igreja já tinha acontecido. Com isso, seu amadurecimento e formação tiveram como base o mundo já fundido, onde as lutas contra as heresias tinham se tornado comuns. Por não ter precisado lutar e nem concentrar esforços em rupturas ou em justificativas, mas ter partido de uma renovação já em andamento, Calvino pôde ir muito mais longe porque não possuía compromissos com a ordem preexistente.

Em 1536 ele publica a primeira edição de sua obra “Instituição da Religião Cristã”, ou como ficou conhecida, “Institutas”. Nessa obra, ele se preocupou em apenas expor, de forma coerente e ordenada e em uma linguagem acessível ao povo, aquilo que, segundo ele, era a mensagem da Bíblia. O que o motivou a escrever foi o conhecimento de Deus visto por ele como "o mais excelente e proveitoso dom de Deus aos homens". É nesse contexto da problemática do conhecimento de Deus que Calvino trata em seu trabalho.

Para ele, o conhecer a Deus, é antes de tudo, uma experiência intelectual, dado que Deus revela-se ao pensamento e ao entendimento humano. O tema central de Calvino não era o ser humano e nem Jesus Cristo. A teologia de Calvino foi entendida durante muito tempo como sendo cristocêntrica, mas o seu foco principal era o próprio Deus. A pessoa de Jesus ficou conhecida como a manifestação de Deus para benefício do homem em busca do conhecimento divino. A fé no Filho de Deus levaria o homem ao conhecimento do próprio Deus.

Enquanto Lutero focava na salvação, Calvino voltava-se para o conhecimento. Para ele, a salvação era decorrência do conhecimento. Essa é uma diferença de enfoque significativa, pois, apesar de haver uma diferença sutil de pensamentos, vista contra o plano de fundo da cultura renascentista onde o olhar desloca-se das regiões celestiais para o terreno humano, adquire a força e insufla-se com energia do próprio movimento da história.

Lutero e Calvino marcaram o campo religioso com um novo espírito que animava as gentes. Todos os reformadores ponham o assento de suas doutrinas na absoluta liberdade e autonomia divinas, fazendo do homem um ser, que embora não passivo diante de Deus, era apenas relativo ao seu amor. Aparentemente, o homem que já não podia mais tomar a iniciativa de sua própria salvação, perdeu autonomia diante desse Deus absolutamente poderoso e soberano. Mas, na verdade, ao remeter a Deus a responsabilidade de sua salvação, o homem sentia-se jogado entre dois sentimentos polares: o medo e a insegurança, de um lado, e de outro a euforia descompromissada com qualquer responsabilidade salvífica. (SUED, Edin – As Moradas de Deus, 2004, p. 72 e 73).

Apesar das diferenças de pensamentos, o que eles tinham em comum era a maneira como se comportavam diante do mundo.

3.3 Os Pentecostais e Neopentecostais

Ao longo da história, surgiram alguns ramos cristãos provenientes da reforma protestante do século XVI, dentre eles o ramo pentecostal.

Apesar das diferenças doutrinárias, ou até mesmo de comportamento, existem também semelhanças entre as denominações pentecostais. Entre as semelhanças, destaca-se a maneira como entendem e usam a Bíblia, na forma como conduzem os cultos e no entendimento geral na maneira de agir do Espírito Santo.

O pentecostalismo brasileiro é formado por uma série de movimentos. O seu desenvolvimento ocorreu, principalmente, quando seus adeptos interagiram com outros pentecostais e com a sociedade dentro e fora de suas fronteiras geográficas.

Para um melhor entendimento, o autor Paulo Freston, em seu livro "Protestantes e a Política no Brasil, da Constituinte ao Impeachment", dividiu o pentecostalismo em três momentos ou três "ondas".

A primeira onda, também conhecida como Pentecostalismo Clássico, ocorreu no início do século XX com a chegada das igrejas Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911). Durante esses 40 anos, foram praticamente as únicas igrejas pentecostais em solo brasileiro. Suas principais características são o segundo batismo (no Espírito Santo) com a evidência do falar em outras línguas.

A segunda onda acontece nos anos 50, início dos anos 60, e três grupos surgem: Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). Esse segundo momento diferencia-se do Período Clássico por sua ênfase no dom da cura divina. Além disso, inovam ao começarem a usar os meios de comunicação de massas e realizarem grandes reuniões em estádios, cinemas e teatros.

A terceira e última é aquela denominada de Neopentecostal e tem início no final dos anos 70, crescendo nos anos 80. Nesta, destacam-se a igreja Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus, A Cristo Vive, a Sara Nossa Terra, a Comunidade da Graça, a Renascer em Cristo, a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo e várias outras de pequeno porte. Essa terceira onda, especificamente, é considerada um movimento e não é associada a uma denominação em particular, de acordo com o autor do livro "Movimento Neopentecostal Brasileiro" (2012, p. 42), David Allen Bledsoe, que também cita que defini-la é uma "tarefa desafiadora". David, para diferenciar esta onda das outras duas anteriores, cita algumas características das descrições neopentecostais presentes em uma sinopse do autor Stålsett (2006, p.6). Em primeiro lugar, fala que as igrejas adotam a teologia da prosperidade onde os crentes, através da fé, desfrutam dos direitos de cura divina, saúde e sucesso. Arelada a essa teologia, a segunda característica está no fortalecimento da consciência e prática da batalha espiritual que traz consigo uma compatibilidade popular. Os obstáculos à prosperidade são atribuídos ao diabo, seus demônios e/ou forças negativas que eles trazem a vida de uma pessoa.

Em suma, protestantes e protestantes pentecostais têm, em sua maneira de ser, um lado mais racional e outro mais espiritual, porém, racionalidade e espiritualidades distintas.

3.4 A Arquitetura Protestante e Pentecostal

No âmbito do catolicismo, é percebida uma grande demanda por obras de arte. Os protestantes, por sua vez, sempre tiveram certa dificuldade com a arte em geral. Para eles, as coisas relativas ao mundo do sagrado jamais poderiam ser representadas por obras de escultura ou por pinturas. Isso se dá principalmente pelo fato de que as comunidades calvinistas dos países Baixos desenvolveram uma maneira própria de entender a obra de arte - a produção artística estava mais voltada para o colecionador particular.

A arquitetura dos templos perdeu a visão oblíqua do sagrado e se voltou para busca da imanência da vida religiosa, traduzida no maior destaque para aspectos racionais e utilitários de um edifício bem como a sua funcionalidade.

O lugar de onde esse prega os sermão é o vértice para onde convergem as atenções e, conseqüentemente, as soluções arquitetônicas apresentam-se em função desse vértice. As primeiras igrejas possuíam uma planta centrada, isto é, onde o púlpito ocupava o lugar principal e os fiéis eram dispostos em torno dele. Nas igrejas herdadas de outras tradições ou épocas havia uma adaptação do espaço para dar o destaque necessário ao lugar da pregação.

Por outro lado, a ornamentação de um templo protestante era a mais despojada possível. As paredes “nuas” e o ambiente de austeridade visavam concentrar atenção do ouvinte na pregação do pastor ou líder religioso e evitavam qualquer elemento dispersivo. Quando muito, permitisse uma frase extraída da Bíblia em uma ou outra parede. E mesmo assim a intenção era a de educar o povo. A pedagogia religiosa desloca-se das imagens para as palavras, da emoção - sobretudo o temor - pela razão.

A liturgia também obedecia ao mesmo padrão de simplicidade. Os cultos adquiriram um caráter de reunião entre fiéis e muitos dos locais de cultos eram simplesmente conhecidos como "casas de reunião".

"No Brasil, os protestantes tentaram se estabelecerem já no período colonial. A mais séria e duradoura dessas experiências foi a dos holandeses no nordeste. De 1630 a 1645 os protestantes reformados da Holanda governaram Pernambuco e algumas outras áreas nordestinas. A presença holandesa deve-se muito mais a expansão da

companhia das índias do que a alguma intenção religiosa. Essa presença não deixou qualquer vestígio arquitetônico, dado que na cidade do Recife os edifícios públicos ou religiosos não foram poupados na restauração portuguesa de 1649. Somente com a vinda da Família Real para o Brasil e com o aumento da dependência de Portugal em relação à Inglaterra, levando à abertura dos portos, é que os protestantes, tanto ingleses quanto americanos, voltaram a essas terras." (SUED, Edin – As Moradas de Deus, 2004, p.99 e 100).

A teologia protestante não trabalha com a ideia de espaço sagrado. A igreja, ou a comunidade de fiéis, é um local onde as pessoas se reúnem para o culto ou para darem seu testemunho de fé, isso que sacralizaram o lugar onde está. O espaço sagrado é então, qualquer lugar onde a comunidade se reúne ou atua. "O lugar da igreja não é espacial, mas temporal." (SUED, 2004). O templo é simplesmente a expressão da vida da comunidade, a riqueza espiritual ou pobreza material é o que fazem a composição.

Ao mesmo tempo em que os protestantes entendem que "Deus não habita em templos feitos por mãos humanas", eles os erigem como demonstração de fé e amor a Deus e como testemunho, símbolos, Marco, e expressão de esperança da fé cristã. O templo é percebido, pelo conjunto de fiéis, como um espaço diferenciado e usado com exclusividade para o culto. No meio protestante, é possível encontrar os mais variados projetos e soluções de construção, sendo o mais comum a busca por soluções mais funcionais e já aprovadas por outros grupos, que atendam as necessidades mais urgentes dos membros, sem se dar tanta importância a beleza.

O autor destaca que a demanda para a construção de igrejas protestantes é sempre da comunidade interessada, representada, em geral, pelos pastores ou por dirigentes. As orientações e pedidos dessa comunidade referem-se à capacidade de acomodação do templo e a funcionalidade dos demais ambientes como salas de aula, cozinha, sala para outras atividades. A grande limitação para a criatividade é sempre a capacidade financeira da comunidade. Geralmente, o procedimento básico que os profissionais da área de construção adotam é apresentar em três ou quatro opções de plantas de igrejas já em funcionamento e, então, realizar as adaptações de acordo com os interesses da comunidade. É mais uma questão de custo/benefício do que o lugar em si.

Para os protestantes de igrejas históricas, aparência externa tem muito pouco a ver com a natureza diferenciada do espaço sagrado. Aparência de um templo só se torna uma

preocupação com a necessidade de marcar a presença da comunidade religiosa em um lugar e atrair outras pessoas para sua fé. Arquitetura, portanto, estaria a serviço da evangelização.

As figuras abaixo atribuem uma ideia da identidade arquitetônica estabelecida para o ramo do protestantismo histórico, citado acima, atualmente na cidade do Recife, PE:

Figura 14 – Igreja Presbiteriana da Madalena, Recife



Fonte: <http://www.ipmadalena.org.br/>, 2015

Figura 15 – Igreja Batista da Capunga, Recife



Fonte: <http://www.artorganistica.org.br/>, 2012

Figura 16 – Primeira Igreja Batista - Boa Vista, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps, 2016

Uma opção bastante frequente entre comunidades de menor porte é o aluguel ou a compra de residências que são transformadas e adaptadas para servirem ao culto público. Sobre isso não há muito que se dizer, do ponto de vista das intenções arquitetônicas. Neste caso, os limites são dados pelo próprio é difícil adquirido e suas possibilidades técnicas.

Para os pentecostais e neopentecostais, nota-se que existe uma busca maior por espaços acabados, como de antigos cinemas e teatros. Isso se deve porque esses ambientes já possuem, desde sua construção, um tratamento arquitetônico e acústico adequado ao tipo de trabalho realizado nessas igrejas. Além disso, não precisam correr os riscos que todo novo empreendimento causa. De início, eram poucas as igrejas que arriscavam construir edifício próprio - o mais comum era alugar um salão grande o suficiente para os trabalhos. A relação custo/benefício era mais vantajosa e, caso não encontrasse sucesso no novo lugar, era também mais fácil desfazer-se do edifício.

As figuras abaixo atribuem uma ideia da identidade arquitetônica estabelecida para o ramo do protestantismo pentecostal e neopentecostal, citados anteriormente, atualmente na cidade do Recife, PE:

Figura 17 – Congregação Cristã no Brasil - bairro da Imbiribeira, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps, 2016

Figura 18 – Congregação Cristã no Brasil - bairro do Ibura, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps, 2016

Figura 19 – Igreja Assembleia de Deus - bairro de Jardim São Paulo, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

Figura 20 – Igreja Assembleia de Deus - bairro de Boa Viagem, Recife



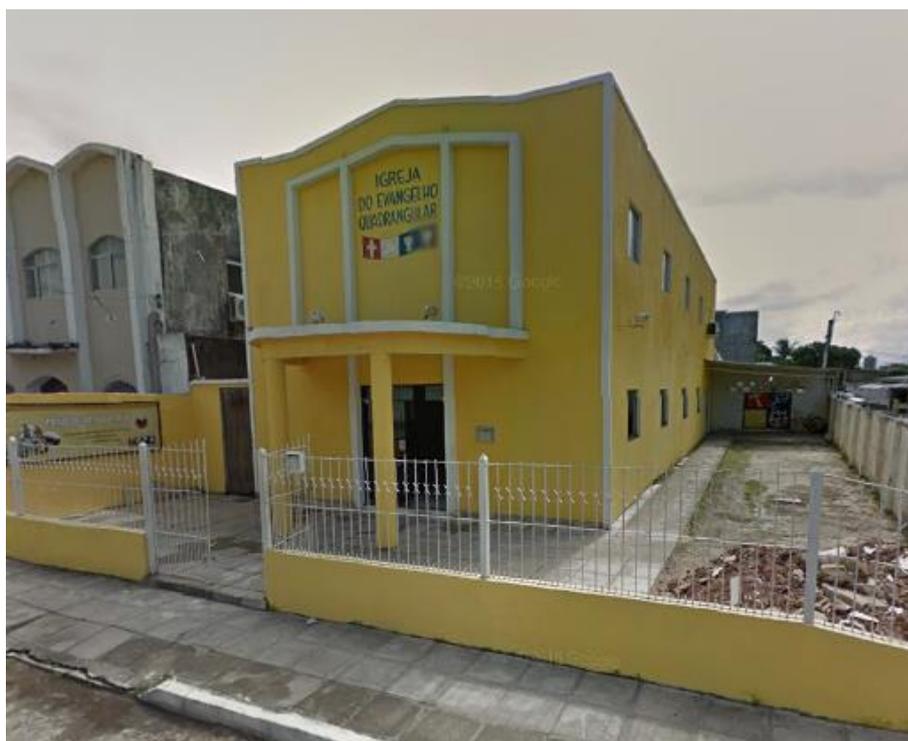
Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

Figura 21 – Igreja Assembleia de Deus - bairro do Sancho, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

Figura 22 – Igreja do Evangelho Quadrangular - Ipsep, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

Figura 23 – Igreja do Evangelho Quadrangular - Torrões, Recife



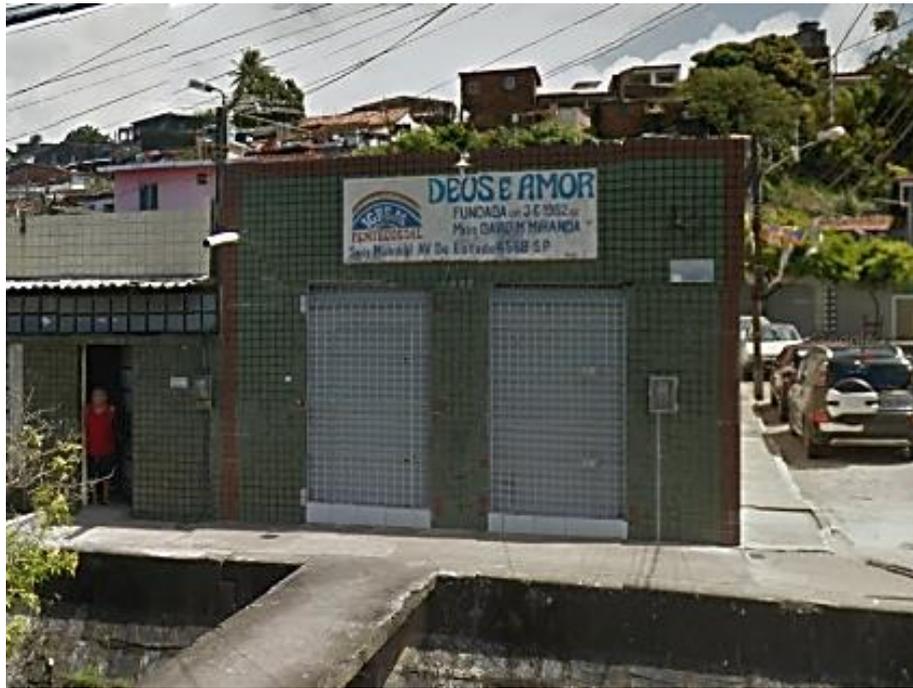
Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

Figura 24 – Igreja Brasil para Cristo - Linha do Tiro, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

Figura 25– Igreja Deus é Amor – bairro de Água Fria, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

Figura 26 – Igreja Universal do Reino de Deus – bairro de Boa Viagem, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

Figura 27 – Igreja Internacional da Graça de Deus – bairro de Boa Viagem, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

Figura 28 – Congregação Sara Nossa Terra – bairro de Boa Viagem, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

Figura 29 – Igreja Verbo da Vida – bairro de Casa Amarela, Recife



Fonte: *print screen* do Google Maps (2016)

4 SEMIOLOGIA – OS SIGNOS NA ARQUITETURA

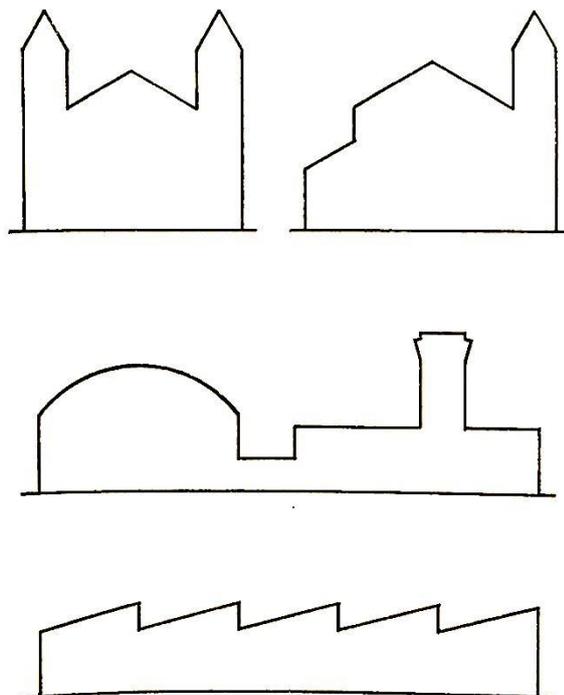
O primeiro elemento de comunicação arquitetônica deve ser justamente a finalidade para a qual a edificação foi erguida - enunciar o propósito existencial do edifício. Muitas vezes, projetistas fazem o uso de elementos não arquitetônicos como a pintura e a escultura para introduzir, nas obras arquitetônicas, mensagens mais literais, não simbolizáveis nas formas meramente construtivas.

Quando alguma edificação tem apenas o objetivo de ser projetada para suprir necessidade de abrigo, será apenas uma cópia de algo já existente. A arquitetura não apenas cria uma base para as atividades que ali serão desempenhadas, mas ela participa efetivamente dessas atividades.

Existem determinadas configurações construtivas que identificam diretamente as tipologias arquitetônicas, isto é, o propósito existencial dos prédios, sem que esse propósito necessite ser enunciado de modo textual: as igrejas, os aeródromos, as indústrias se revelam inclusive nos simples perfis das edificações (Figura 30).

Para que a arquitetura comunique as funções que deseja desenvolver, deve basear-se em códigos.

Figura 30 – Códigos de edificações



Fonte: SILVA, Elvan - Arquitetura e Semiologia, 1985, p.129.

Através de um estudo aprofundado a respeito da semiologia arquitetônica, será possível reconhecer que uma edificação pode transmitir uma mensagem, se, em sua concepção, forem levados em consideração aspectos emocionais, litúrgicos e funcionais dos rituais e do programa necessário ao mesmo.

Em princípio, os objetos arquitetônicos são pensados para funcionar apenas como abrigo e não para comunicar algo. A semiologia pretende, antes de qualquer coisa, verificar se todos os fenômenos culturais podem ser interpretados também sob o ponto de vista comunicacional.

Determinados edifícios comunicam uma mensagem estética que nem sempre são previstas pelo arquiteto que idealizou o projeto. A reação que uma obra arquitetônica produz aos espectadores permite a indução de leituras diferentes.

Segundo Elvan Silva, em seu livro “Arquitetura e Semiologia”, existem dois conceitos de arquitetura. A primeira linha de pensamento afirma que o termo arquitetura aplica-se somente aos edifícios cuja construção é de molde a produzir emoções de ordem estética. Já a segunda linha de pensamento diz que toda edificação, ou seja, a forma material construída com propósito de abrigar e dar condições adequadas para o desenvolvimento de atividades humanas, e que exerce essa função, pode ser considerada obra de arquitetura.

O termo arquitetura é um substantivo que designa não ao teor qualitativo da obra, mas a sua essência. Durante algum tempo, particularmente na visão da arquitetura moderna, foi levantada a ideia de que a arquitetura seria apenas a função que determinado edifício deveria cumprir (funcionalismo arquitetônico). Porém não existiria arquitetura sem forma. Muito embora a forma seja cultural, é algo inevitável para a prática arquitetônica. Todavia, a forma é um meio para se alcançar a resposta para uma demanda. A forma está incluída na função!

O signo arquitetônico é um signo icônico tridimensional, habitável e viável, através de relações inter e intra-especiais. Sua articulação monta mensagens que dependem de um código (enquanto competência) e de uma signagem (enquanto desempenho): essa articulação sintática, por sua vez, implica um léxico variável e redutível a elementos-tipo, que se relacionam por parataxe ou coordenação, segundo a característica comum a todos os códigos icônicos, que são códigos analógicos. (PIGNATARI, *Semiótica da Arte e da Arquitetura*, p. 114 apud SILVA, *Arquitetura e Semiologia*, 1985, p.20)

Os dois precursores no estudo do conceito de semiologia ou semiótica foram: Charles Sanders Peirce e Ferdinand de Saussure. Saussure acentuava a função social do signo, já

Peirce punha em destaque a função lógica, num contexto mais próximo de suas especulações evidentes.

Pierce esboçou uma tipologia dos diversos gêneros de signos, classificando e estabelecendo três categorias fundamentais: o ícone, o índice e o símbolo. O ícone é a relação entre determinado objeto e seu desenho. Por exemplo, as placas (Figura 31). O índice é quando, através de um elemento, seja possível a identificação de outro, como a fumaça, por exemplo (Figura 32). Ao ver uma fumaça supõe-se a existência de fogo, mesmo não sendo possível vê-lo. E o símbolo opera pela contiguidade convencionalizada, a exemplo da cruz (Figura 33).

Figura 31 – Placa de proibido fumar.



Fonte: <http://publicdomainvectors.org>

Figura 32 – Fumaça de incêndio em Goiânia



Fonte: <https://comentandoagora.wordpress.com>

Figura 33 – Representação da cruz



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/>

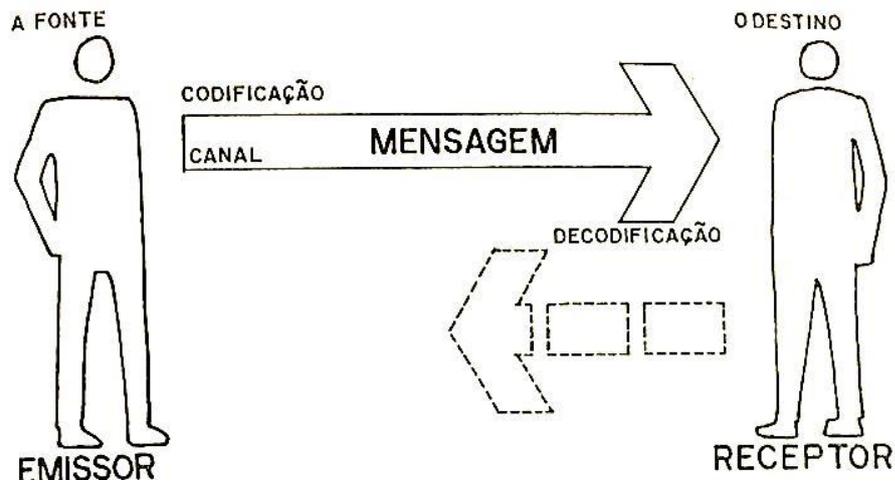
Saussure concedeu maior importância ao rigor metodológico que à descrição prática. A linguística seria um ramo da semiologia. O objeto da semiologia é o estudo dos sistemas de signos, sejam quais forem suas substâncias ou caracterizações: imagens, gestos, sons de músicas, objetos. Caso estes elementos não se constituam como linguagens, são apenas sistemas de significação.

Semiologia, s.f. (Med.) Parte da Medicina que trata dos sinais ou sintomas das doenças (sinôn.: semiótica); (Linguíst.) Ciência dos modos de produção, de funcionamento e de recepção dos diferentes sistemas de sinais de comunicação entre indivíduos ou coletividades = SEMIÓTICA. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/Semiologia> Acesso em 02/06/2016).

Conforme Umberto Eco, em seu livro “A estrutura ausente”, a semiologia estuda os fenômenos culturais como se fossem sistemas de signos - partindo da hipótese que na verdade todos os fenômenos de cultura são sistemas de signos, isto é, fenômenos de comunicação.

Pode-se reconhecer, na arquitetura, a capacidade de comunicar. É possível estabelecer, explicitamente, o que determinada arquitetura transmite como mensagem. Deve-se esclarecer quais são os significados da arquitetura.

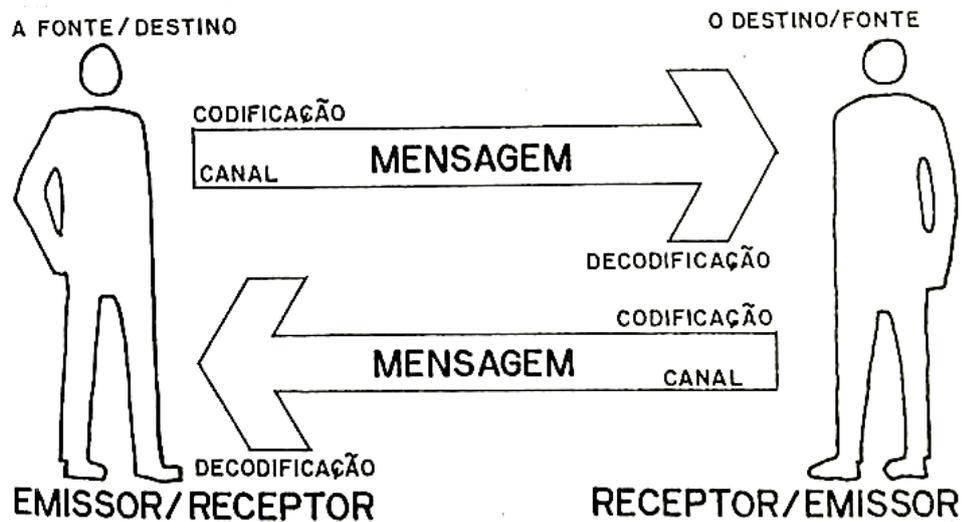
Figura 34 – Esquemática da mensagem unilateral



Fonte: SILVA, Elvan - Arquitetura e Semiologia, 1985, p.39

A Mensagem Unilateral (Figura 34) acontece quando o emissor funciona apenas como uma fonte e o receptor apenas como destino dessa mensagem. O papel do emissor é apenas codificar a mensagem e utilizar o canal selecionado, enquanto que o receptor faz a decodificação, apenas, e ele quem adota o comportamento compatível às circunstâncias.

Figura 35 – Esquemática da mensagem bilateral



Fonte: SILVA, Elvan - Arquitetura e Semiologia, 1985, p.39

Já a Mensagem Bilateral (Figura 35) acontece quando o emissor é também receptor e quando o receptor é também o emissor. A mensagem percorre através de dois destinos, a mudança de comportamento pode se dar tanto no destino quanto na fonte.

Existem inúmeros e consistentes indícios de que há uma crise na linguagem arquitetônica. Por causa da falta de significado da linguagem, a obra arquitetônica acaba perdendo o seu valor. Do ponto de vista semiológica, a significação de um elemento é seu emprego e não o próprio objeto.

Arquitetura pode ser considerada como uma forma de linguagem não verbal. Diferentemente da linguagem propriamente dita, os termos do discurso arquitetônico não estão colocados segundo uma sequência obrigatória de percepção.

É possível observar que a linguagem verbal, e principalmente sua manifestação fonética, se apresenta de forma contínua e não discreta. Já na música, por exemplo, a linguagem não-verbal se apresenta contínua, porém existe um processo de codificação gráfica que permite transcrever essa continuidade musical.

No âmbito da arquitetura, por sua vez, existe uma tradição em codificar as obras mediante o emprego de relações geométricas, esquemas numéricos, categorias estilísticas, tipológicas, etc.

O que o arquiteto produz ou organiza são as formas arquitetônicas, estas sim, dotadas de substância concreta e tangível. As formas arquitetônicas, por sua vez, são capazes de produzir ou modificar determinada espécie de estímulos que costuma-se caracterizar como agentes da percepção espacial. A capacidade de produzir sensações relacionadas com a percepção espacial não é exclusiva das formas arquitetônicas, mas é uma de suas principais características. A percepção do espaço é um fenômeno relacionado com a posição e a natureza dos elementos utilizados como pontos de referência ou delimitadores. Assim sendo, se quisermos atribuir significado a alguma coisa, esta coisa não será a porção de elemento atmosférico delimitado por um sistema de formas arquitetônicas, mas ao próprio sistema de formas arquitetônicas. (SILVA, Elvan - Arquitetura e Semiologia, 1985, p.107)

A beleza de edifícios arquitetônicos pode fazer com que as pessoas vivam melhor, pode afetar o “estado de espírito” e a felicidade.

De início, é importante considerar o imenso apoio que a beleza recebe das religiões. Na arquitetura, as pessoas acreditavam que os prédios poderiam ser repositórios de ideias e sentimentos valiosos e serem venerados por isso. Em cada uma das religiões, as pessoas desejam que as construções comuniquem algo, não só para elas mesmas, mas para os que estão de fora. Na maior parte da história do cristianismo, a ideia predominante também era que as construções pudessem ajudar a manter os fiéis nos princípios religiosos.

A Igreja Católica investiu muito na decoração das igrejas e catedrais, acreditando que certas construções poderiam orientar as almas e, com isso, transformar as pessoas e as levar a serem seres humanos melhores. Existe uma visão de se pensar que elementos como: cores, formas e mobiliários, apesar de parecerem algo superficial, chamam a atenção de quem frequenta esses locais. As igrejas eram construídas em determinadas épocas e, muitas vezes, recriam algo que estava acontecendo.

O motivo original desse tipo de construção é que influenciam fortemente nas crenças, onde os valores inscritos nesses locais encorajem e reforcem as melhores aspirações nas pessoas. No catolicismo, uma arquitetura bela não era só um luxo, mas uma lição. No islamismo tradicional, também, acredita-se que um edifício pode influenciar uma pessoa positivamente, que um ambiente bonito pode torna-la melhor. Para eles, poderia-se até entender Deus através dos prédios.

Com a ascensão do protestantismo no cristianismo, emergiu um novo pensamento sobre o papel da arquitetura. A essência da visão protestante global é que o estado da sua alma não tem relação com o local que a pessoa vive ou a cultura em que está inserida. O que verdadeiramente importa é o interior, o contato com a palavra de Deus. É por causa disso que os reformadores protestantes Calvino e Zwingli afirmaram em suas congregações que não era preciso gastar dinheiro adornando as igrejas, o povo poderia encontrar Deus em qualquer lugar, até mesmo num estábulo.

A disputa ideológica entre quem pensava que o ambiente importava imensamente e os que consideravam isso fútil ou decadente, ainda é debate atual sobre a importância da arquitetura.

Geralmente, igrejas evangélicas estão em locais que não são adequados para o determinado uso. Geralmente são adaptações de antigos galpões, salões, garagens, entre outros, e, aquele que realiza a leitura da edificação, nem sempre consegue identificar que é uma igreja. Existem até igrejas evangélicas, mesmo tendo sido planejadas e projetadas por profissionais, não transmitem a ideia de propriamente de igreja, não carregam elementos que as identifiquem como tal.

Entre a particularidade do estilo e a universalidade do registro histórico, não basta que a linguagem arquitetônica seja compreendida, porque sua finalidade prática vai além da

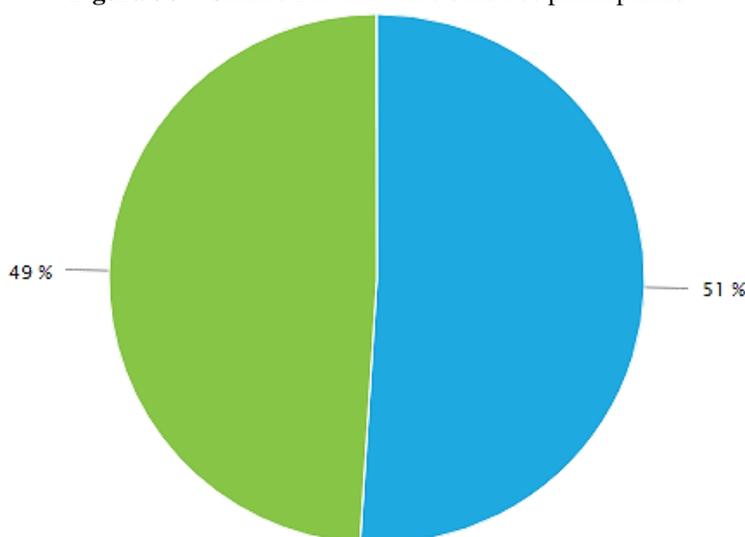
comunicação. Ela deve ir além do estilo de uma determinada época, pois, geralmente, a edificação mantém-se em uso por um longo período após a conclusão.

5 QUESTIONÁRIO: RESULTADO E CONCLUSÃO

Nos dias nove e dez do mês de novembro de 2016, foi realizado um questionário utilizando-se de uma ferramenta online chamada Survio (<http://www.survio.com/>), para a coleta de dados. Em dois dias, foi possível a obtenção de 100 respostas, o que facilitou na análise e compreensão dos resultados. Para que fosse possível o alcance desse número de pessoas, o link do questionário foi enviado para alguns grupos de pessoas por meio de um aplicativo de mensagem para *smartphones*, o WhatsApp. Para que nenhum dos participantes se sentisse exposto ou constrangido em suas respostas, foi um questionário totalmente facultativo sem necessidade de identificação pessoal.

Dessas 100 pessoas que participaram deste questionário, 51 eram do sexo feminino, enquanto que 49 eram do sexo masculino, como mostram o gráfico e a tabela abaixo:

Figura 36 – Gráfico Percentual do sexo dos participantes



Fonte: <http://www.survio.com/>(2016)

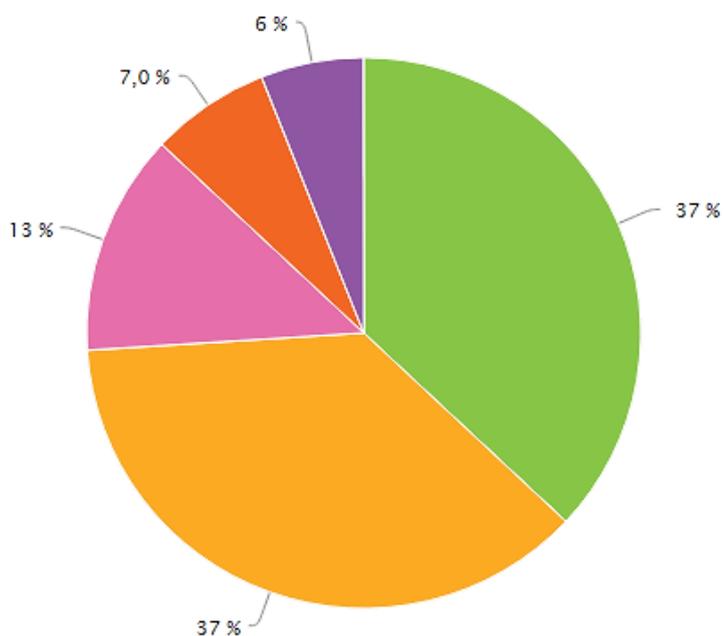
Tabela 03 – Percentual do Sexo Feminino e Masculino

Resposta	Respostas	%
● Feminino	51	51 %
● Masculino	49	49 %

Fonte: <http://www.survio.com/>, 2016

Quanto à faixa etária, a maior parte dos participantes tinha entre 17 e 34 anos:

Figura 37 – Gráfico Percentual da faixa etária dos participantes



Fonte: <http://www.survio.com/>, 2016

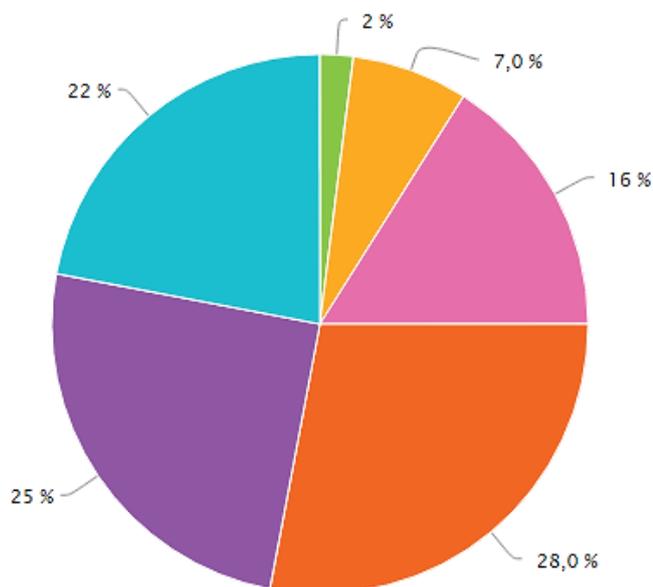
Tabela 04 – Percentual da Faixa Etária

Resposta	Respostas	%
● Menos de 17 anos	0	0 %
● De 17 à 24	37	37 %
● De 25 à 34	37	37 %
● De 35 à 44	13	13 %
● De 45 à 54	7	7%
● 55 ou mais	6	6 %

Fonte: <http://www.survio.com/>, 2016

Já em relação ao nível de escolaridade, obtiveram-se os seguintes resultados:

Figura 38 – Gráfico Percentual do nível de escolaridade dos participantes



Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

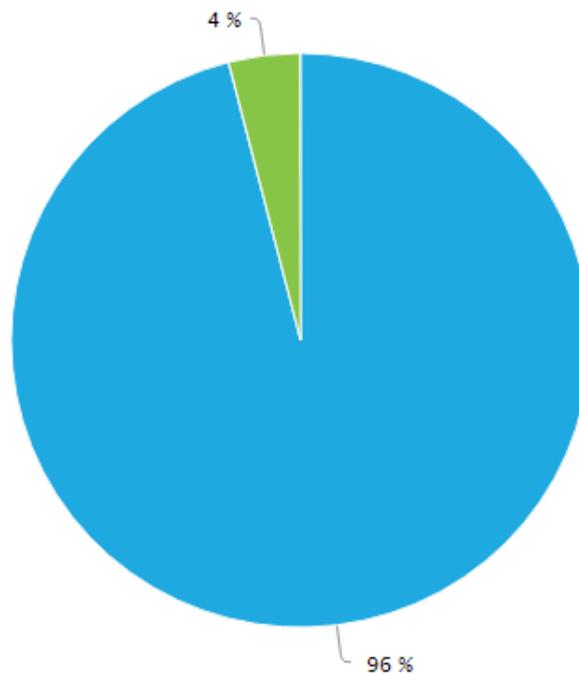
Tabela 05 – Percentual do Nível de Escolaridade

Resposta	Respostas	%
● Ensino Fundamental (1º grau) incompleto	0	0 %
● Ensino Fundamental (1º grau) completo	2	2 %
● Ensino Médio (2º grau) incompleto	7	7 %
● Ensino Médio (2º grau) completo	16	16 %
● Superior Incompleto	28	28 %
● Superior Completo	25	25 %
● Especialização, Mestrado e/ou Doutorado	22	22 %

Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

Nele, foi perguntado também se o participante frequentava alguma igreja evangélica.

Figura 39 – Gráfico Percentual dos que frequentam ou não uma igreja evangélica



Fonte: <http://www.survio.com/>, 2016

Tabela 06 – Percentual dos que frequentam ou não uma igreja evangélica

Resposta	Respostas	%
● Sim	96	96 %
● Não	4	4 %

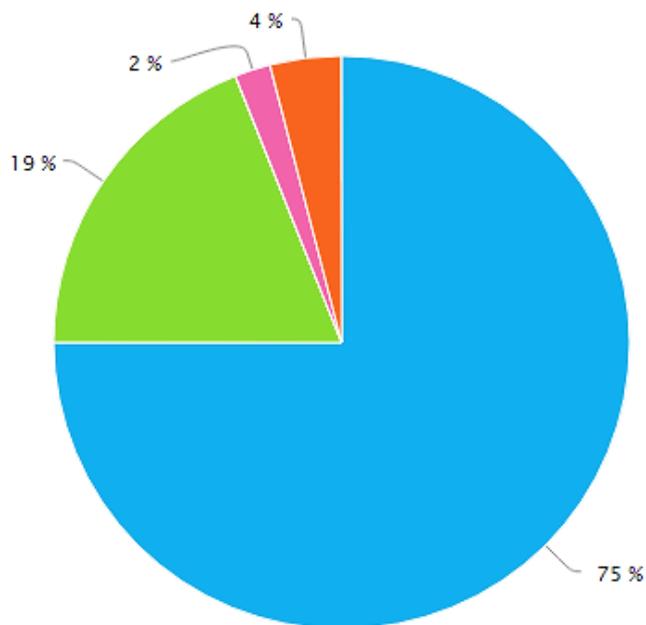
Fonte: <http://www.survio.com/>, 2016

Por se tratar de um questionário com esse enfoque, a maior parte das pessoas que se habilitaram a participar, eram evangélicas ou já haviam frequentado, alguma vez, uma igreja evangélica.

Quanto à logística de deslocamento, ou mesmo para saber uma média de quantas vezes as pessoas vão a esses lugares, fez-se necessário questionar a frequência que o pesquisado costuma ir para uma igreja evangélica.

Como esperado, a maior parte é composta por uma típica classe de evangélicos que vão à igreja mais de uma vez por semana, geralmente aos domingos pela manhã e a noite, e até mesmo a cultos/reuniões durante a semana.

Figura 40 – Gráfico Percentual da frequência aos cultos/reuniões



Fonte: <http://www.survio.com/>, 2016

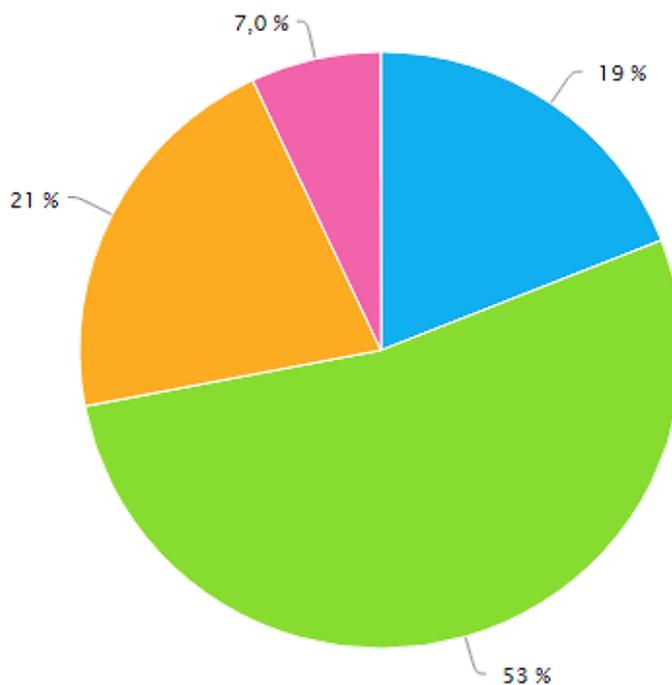
Tabela 07 – Percentual da frequência aos cultos/reuniões

Resposta	Respostas	%
● Mais de 1 vez por semana	75	75 %
● 1 vez por semana	19	19 %
● Quinzenalmente	0	0 %
● Mensalmente	2	2 %
● Raramente	4	4 %

Fonte: <http://www.survio.com/>, 2016

Por ter sido abordada, durante o trabalho, a história da Igreja Evangélica e as ramificações que surgiram a partir da Reforma Protestante, foi perguntado como a pessoa classificaria a igreja em que costuma frequentar.

Figura 41 – Gráfico Percentual do ramo denominacional que congrega



Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

Tabela 08 – Percentual do ramo denominacional que congrega

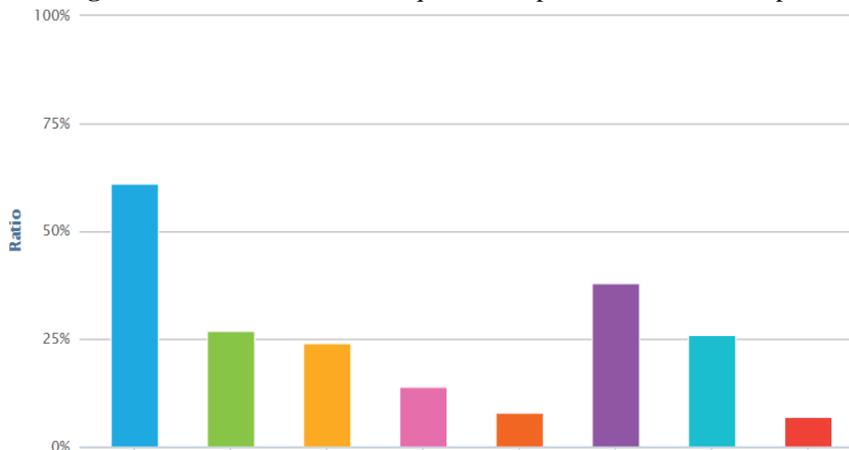
Resposta	Respostas	%
● Igreja Histórica/Tradicional	19	19 %
● Igreja Pentecostal	53	53 %
● Igreja Neopentecostal	21	21 %
● Outra	7	7 %

Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

Nesta etapa do questionário, foi realizada uma análise sobre a preferência dos evangélicos quanto ao tipo de estrutura que uma igreja evangélica deveria ter, na concepção pessoal. Foi disposta uma lista, de múltipla escolha, com os seguintes tipos de estruturas: auditório, galpão, prédio alto, prédio baixo, formato circular, formato retangular, formato quadrado, orgânico (fluido).

Mais da metade dos participantes elegeram o estilo de auditório como aquele que deveria ser mais adotado nas construções das igrejas.

Figura 42 – Gráfico Percentual quanto ao tipo da estrutura do templo



Fonte: <http://www.survio.com/>, 2016

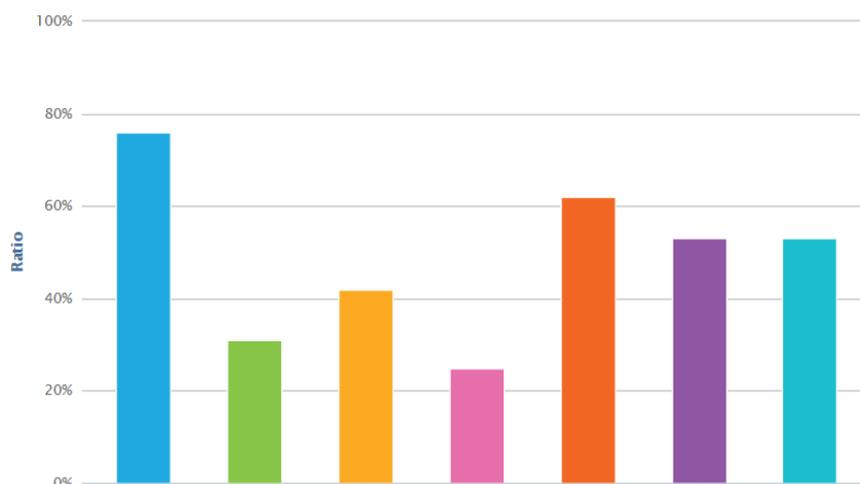
Tabela 09 – Percentual do tipo da estrutura do templo

Resposta	Respostas	%
● Auditório	61	61 %
● Galpão	27	27 %
● Prédio alto	24	24 %
● Prédio baixo	14	14 %
● Circular	8	8 %
● Retangular	38	38 %
● Quadrada	26	26 %
● "Fluida" (arquitetura orgânica)	7	7 %

Fonte: <http://www.survio.com/>, 2016

Foi realizada, também, uma análise quanto aos revestimentos/acabamentos que deveriam fazer parte da composição de uma igreja, na concepção dos participantes. Foi disposta uma outra lista, também de múltipla escolha, com os seguintes tipos de materiais: vidro, pedra, concreto, aço, pintura, madeira e cerâmica.

Figura 43 – Gráfico Percentual quanto ao revestimento/acabamento



Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

Tabela10 – Percentual quanto ao revestimento/acabamento

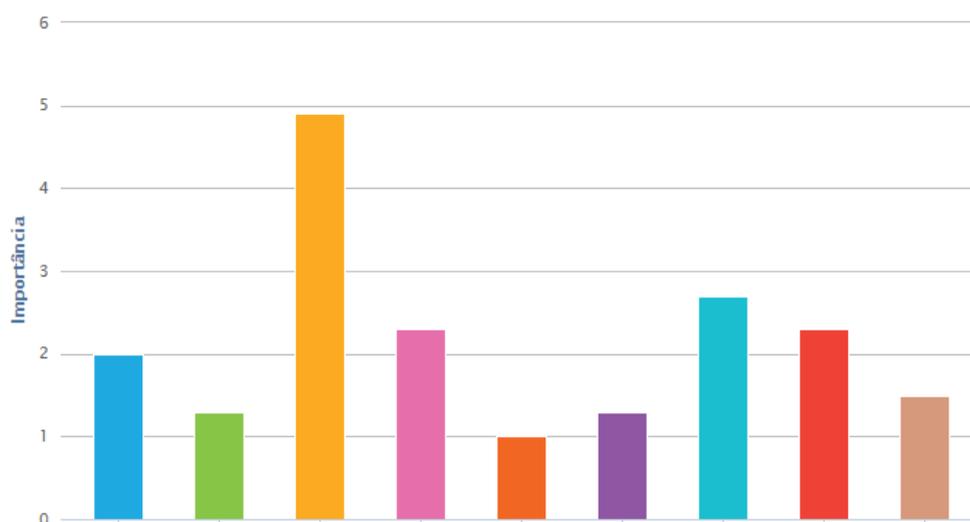
Resposta	Respostas	%
● Vidro	76	76 %
● Pedra	31	31 %
● Concreto	42	42 %
● Aço	25	25 %
● Pintura	62	62 %
● Madeira	53	53 %
● Cerâmica	53	53 %

Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

Vidro e Pintura foram os dois que mais se destacaram de acordo com os resultados obtidos, o que se faz entender que os evangélicos buscam por uma arquitetura mais “leve”, porém sem abrir mão de elementos contemporâneos/atuais.

Para a identificação do grau de importância que os evangélicos atribuem a certos elementos arquitetônicos e de composição de fachadas, foi disposta uma lista para que arrastassem os itens mais importantes até aqueles de menor relevância, para eles.

Figura 44 – Gráfico Percentual quanto ao grau de importância dos elementos



Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

Tabela 11 – Percentual quanto ao grau de importância dos elementos

Resposta	Importância
● Portas Largas	4,9
● Janelas	2,7
● Escadaria	2,3
● Rampa	2,3
● Cruz	2,0
● Plantas (paisagismo)	1,5
● Torre	1,3
● Vitrais	1,3
● Cúpula	1

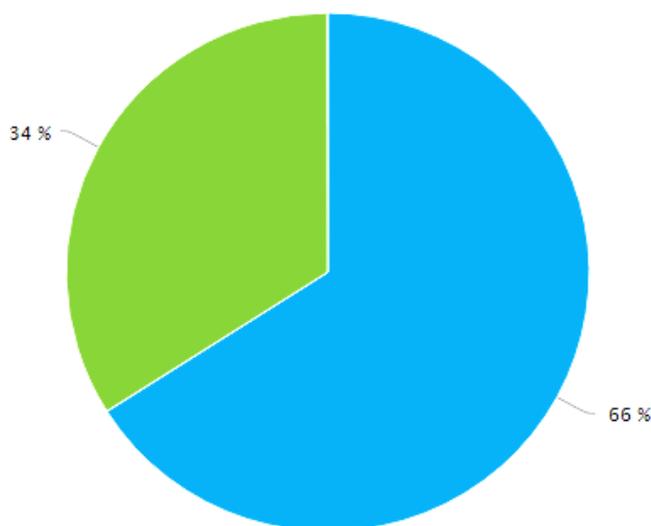
Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

Em um momento do questionário, foram dispostas algumas imagens de fachadas de igrejas para que, de acordo com o estilo arquitetônico delas, saber quais representavam, para o participante, uma igreja evangélica ideal/exemplar.

Dentre as imagens, estavam igrejas com um estilo mais tradicional com torre, escadarias e vitrais. Havia também algumas que lembravam galpões, outras contemporâneas, e outras que eram complexos religiosos comuns em regiões dos Estados Unidos, por exemplo. As que mais se destacaram foram: um complexo religioso (Bethel Church), com 56% dos votos e uma igreja contemporânea com muitas curvas e bastante vidro, com 35% de votos.

Finalmente, foi perguntado se, de forma geral, as igrejas evangélicas, na cidade do Recife, possuíam uma identidade arquitetônica que as classificassem como tal.

Figura 45 – Gráfico Percentual sobre a Identidade Arquitetônica



Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

Tabela 12 – Percentual sobre a Identidade Arquitetônica

Resposta	Respostas	%
● Sim	66	66 %
● Não. Por quê?	34	34 %

Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

Apesar de a maioria ter afirmado que as igrejas evangélicas, na cidade do Recife, possuem sim uma identidade arquitetônica própria, vale destacar algumas respostas dos que discordam com essa afirmação:

- “Acho que a igreja católica é reconhecida como igreja por conta do seu formato, já a evangélica não”.
- “Não vejo, em muitas igrejas, algo que as classifiquem como tal. Só sabemos que é uma igreja pela placa de identificação”.
- “Por que variam conforme denominacao/tradição”.
- “As igrejas evangélicas, muitas vezes, são adaptações em prédios já existentes”.
- “Pois não seguem um padrão arquitetônico”.
- “Só algumas igrejas possuem um padrão, por exemplo, a igreja Assembleia de Deus”.
- “São bem distintas, a depender da denominação”.
- “Existe uma grande variedade no estilo devido à estrutura não ser tão considerada”.
- Pois geralmente são galpões.
- Por que nem todas estão em prédios com arquitetura tradicional
- “Não parecem igrejas”.
- “Quando olhamos uma edificação, não conseguimos identificar, muitas vezes, qual a função daquele edifício”.

O questionário se encerrou com a seguinte pergunta: “Você sente a necessidade de frequentar igrejas com características arquitetônicas mais arrojadas e diferenciadas ou está confortável com a arquitetura das igrejas evangélicas tais como elas são (no Recife)?”. Com ela, seria possível chegar à abordagem central desta pesquisa. Para facilitar os participantes, foram elaboradas três respostas, de escolha única e, ainda assim, um espaço para que atribuíssem uma resposta diferente das anteriores explicitadas, caso desejassem.

Tabela 13 – Percentual sobre a necessidade de Identidade Arquitetônica

Resposta	%
<ul style="list-style-type: none"> ● Sim! Sinto a necessidade de frequentar igrejas com características próprias e diferenciadas. Hoje, na cidade do Recife, noto que geralmente são adaptações de prédios já existentes e, por isso, não possuem uma identidade arquitetônica própria para uma igreja evangélica. Em cada uma das religiões, é normal o desejo de que as construções comuniquem algo, não só para elas mesmas, mas para os que estão de fora. 	56 %
<ul style="list-style-type: none"> ● Não! Acredito que o estado da alma não tem relação com o local em que a pessoa está inserida. O que verdadeiramente importa é o interior, o contato com a palavra de Deus. 	37 %
<ul style="list-style-type: none"> ● Não! Acho que não é preciso gastar dinheiro adornando as igrejas, o povo poderia encontrar Deus em qualquer lugar, até mesmo num estábulo. O lugar não importa! 	4 %
<ul style="list-style-type: none"> ● Outra 	8 %

Fonte: <http://www.surveio.com/>, 2016

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A Identidade arquitetônica não é uma fórmula, mas um fenômeno vivencial que é estabelecido pelo uso do espaço, sua diversidade de indivíduos, grupos e formas de apropriação. Ela não se manifesta apenas na obra arquitetônica, mas sim na junção de todos os fenômenos culturais e, nesse caso, religiosos/litúrgicos.

A obra arquitetônica não se impõe ao ambiente, pelo contrário, se adapta e dá a impressão que surgiu naturalmente, como se sempre estivessem lá. A arquitetura nada mais é que uma manifestação do homem para o homem e a própria identidade arquitetônica se faz respeitar.

Inicialmente, neste trabalho, foi feito um breve histórico sobre os locais de cultos, desde os altares de sacrifício, tabernáculos e templos, até as igrejas que existem hoje. A identidade básica que se faz entre igrejas evangélicas e católicas, em princípio, é apenas o uso da bíblia, embora isso não aproxime, de fato, as religiões. Mesmo levando em conta o fato de preservarem a fundamentação cristã, os evangélicos não estão associados ao poder do papa, portanto sua especificidade doutrinária garante individualidade em outros campos, como o da arquitetura.

Foi visto também que, após a Reforma Protestante, surgiram algumas ramificações, a saber: Igrejas Históricas, Igrejas Pentecostais e Igrejas Neopentecostais. Estas três possuem uma visão semelhante do lugar de culto, pois, para elas, não é o lugar em si que é santo, mas sim o que lá é realizado, ou seja, culto a Deus. A arquitetura dessas igrejas é a expressão de uma nova concepção das relações entre o homem e o sagrado.

Ao analisar aquilo que é pregado nesses lugares com a arquitetura dos mesmos, é possível notar que eles não possuem uma relação, em sua maioria. A liturgia evangélica se baseia basicamente na bíblia. O que é pregado, geralmente, são coisas do cotidiano, pois os crentes acreditam que a bíblia é um livro atemporal e adaptável a qualquer contexto. Porém não se dá tamanha importância à arquitetura do local, levando mais em conta a praticidade e a relação custo/benefício do que questões propriamente estéticas.

Na cidade do Recife, não são raras as igrejas adaptadas e que se instalam em edificações já existentes. A organização espacial acaba ficando mais focada na funcionalidade daquele edifício resumindo, na grande maioria, a um grande vão, adjacente a pequenas salas, que abrigam geralmente a administração e outros espaços específicos, como a sala dos obreiros e

das crianças. Assim, antigos cinemas, com seus grandes espaços reservados ao público e sua perspectiva direcionada à tela, são ideais para uma dessas adaptações, por exemplo. Nos cinemas, aproveita-se tanto a instalação quanto à infraestrutura de transporte e localização privilegiada. Além dos cinemas, outros locais também usualmente adaptáveis são os galpões, cujo grande vão é o determinante desse aproveitamento. O desconforto térmico e a acústica imprópria são, todavia, fatores negativos desse tipo de adaptação.

Para chegar à conclusão desta fundamentação teórica, foi realizado um questionário com cem pessoas, sendo a grande maioria dos questionados, evangélicos. Com os resultados obtidos, ficou claro que, apesar das pessoas não darem tanta importância ou ênfase à arquitetura das igrejas em que fazem parte, conforme abordado nos capítulos anteriores, sentem sim a necessidade de congregarem em lugares com uma “boa arquitetura”.

Independente da função de um edifício é possível atribuir a ele condições adequadas e favoráveis às pessoas que o frequentam, tanto em requisitos básicos de ergonomia, acessibilidade ou conforto, quanto a questões estéticas também. Sem esquecer, é claro, que a igreja faz parte da paisagem urbana. É preciso pensar não apenas nos interesses e crenças próprios, mas no contexto em que o edifício está inserido.

Por fim, é importante observar a tendência das igrejas evangélicas erigidas nos últimos anos, em especial na cidade do Recife, de tornarem-se verdadeiros complexos religiosos, com abrangentes espaços não só de cultos e reuniões propriamente ditos, mas estruturando-se em departamentos especializados, tais quais de educação religiosa em suas diversas faixas etárias, passando-se por espaços administrativos e de convivência, e adaptados à geração de conteúdo de mídias, muitas das quais, divulgando suas programações além das quatro paredes. Há também uma discreta e progressiva melhoria nos espaços hoje ocupados por tais igrejas, contando com projetos bem elaborados, de arquitetura, conforto e iluminação o que confirma a percepção que tivemos em nossa pesquisa da dinâmica da igreja evangélica pós-moderna e da ruptura nos padrões até então utilizados para essa classe de edificações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACI Digital, **Basílicas de São Pedro e São Paulo**. Disponível em: <http://www.acidigital.com/noticias_tags.php?tag_id=1592>. Acesso em: 23 de novembro 2016;

ALLEN, David, **Movimento Neopentecostal Brasileiro – Um Estudo de Caso**. 1. ed. Editora Hagnos, São Paulo, SP, p. 41-58, 2012.

ANDRADE, Hanrikson de, **Censo 2010**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/populacao-evangelica-passa-de-154-para-222-em-10-anos-e-atinge-423-milhoes-em-2010.htm>> Acesso em: 15 de março de 2016;

BEZERRA, Marcone. **Protestantismo e História – Brasil e França na visão de Émile Léonard**. São Paulo, SP, 2013, p.12-32;

COUTINHO, Emílio P., **Basílica de São Paulo Extramuros: Uma das maravilhas da Cidade Eterna**. Disponível em: <<http://m.gaudiumpress.org/content/46873-Basilica-de-Sao-Paulo-Extramuros--uma-das-maravilhas-da-Cidade-Eterna>>. Acesso em: 27 de novembro 2016;

DUFAUR, Luís, **A Igreja dos Apóstolos**. Disponível em: <<http://cienciaconfirmaigreja.blogspot.com.br/2012/07/o-local-do-mais-antigo-templo-catolico.html>> Acesso em: 05 de outubro de 2016;

FELZEMBURGH, Maurício, GOMES, George, FIALH, Elisa, **Novas Igrejas Protestantes: Um Programa Arquitetônico?**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.039/661> 27/11/2016>. Acesso em: 27 de novembro 2016;

GASPARETTO, Antônio, **Basílica de São Pedro**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/cristianismo/basilica-de-sao-pedro/>> Acesso em: 10 de outubro de 2016;

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 15 de março de 2016.

MACHADO, Fernanda, **Igreja Católica: Arquitetura e Arte Cristã**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/igreja-catolica-2-arquitetura-e-arte-crista.htm>> Acesso em: 22 de novembro de 2016;

MAHFUZ, Edson, **Forma e Identidade**. Disponível em: < <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/180/artigo128099-2.aspx>. Acesso em: 27 de novembro 2016;

LUZ, Eduardo M., **Primeira Igreja Evangélica Protestante no Brasil**. Disponível em: <<https://edwardluz.wordpress.com/2013/10/06/primeira-igreja-evangelica-protestante-no-brasil-foi-criada-por-indios-potiguara-afirma-historiadora/>>. Acesso em: 28 de novembro 2016;

MARTINS, Dan, **Capitais brasileiras mais e menos Evangélicas**. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/estudo-mostra-capitais-mais-menos-evangelicas-brasil-50448.html>>. Acesso em: 30 de agosto de 2016;

MAZZACARO, Natasha, **Casal de arquitetos se especializa em construir igrejas evangélicas**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/casal-de-arquitetos-se-especializa-em-construir-igrejas-evangelicas-11886255>> Acesso em: 23 de fevereiro de 2016;

Patrimônio Espiritual, **Basílica de Nossa Senhora do Carmo – Recife, Pernambuco**. Disponível em: <<https://patrimonioespirtual.org/2015/05/01/basilica-de-nossa-senhora-do-carmo-recife-pe/>> Acesso em: 20 de novembro de 2016;

Plataforma de práticas discursivas da disciplina Novas Teorias da Arquitetura e do Urbanismo, **Identidade Arquitetônica**. Disponível em: <<http://novasteorias.blogspot.com.br/2009/05/identidade-arquitetonica-nao-e-uma.html>> Acesso em: 28 de maio 2016;

Portal Brasil Escola, **Protestantismo**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/religiao/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2014;

Portal JcOnline, **Pernambuco é o Estado com a maior concentração de Evangélicos do Nordeste**. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2012/06/30/pernambuco-e-o-estado-com-a-maior-concentracao-de-evangelicos-do-nordeste-47456.php>>. Acesso em: 15 de março de 2016;

PRATES, Marco, **As Capitais Mais (e menos) Evangélicas Do Brasil**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/as-capitais-mais-e-menos-evangelicas-do-brasil/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2016;

Seminário Teológico Gordon-Conwell, **Bíblia de Estudo Arqueológica NVI**. 1. ed. Editora Vida, São Paulo/SP, p. 125, 153, 402, 439, 620, 1648, 1727. 2013;

Sermões Bíblicos, **Imagens Bíblicas – Casa típica no tempo de Jesus**. Disponível em: <<http://sermaoesbocos.blogspot.com.br/2014/06/imagens-biblicas-casa-tipica-no-tempo.html>> Acesso em: 15 de outubro de 2016;

SILVA, Elvan. **Arquitetura e Semiologia**, Porto Alegre, 1988;

SILVA, Alaine, **Protestantismo**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/cristianismo/protestantismo/>>. Acesso em: 15 de novembro de 2014;

SUED, Edin. **As Moradas de Deus – Arquitetura de Igrejas Protestantes e Pentecostais**, São Paulo, SP, p. 21-108 e 132-144, 2004;

TOUEG, Gabriel, Solo Sagrado das três grandes Religiões em Jerusalém. Disponível em: <<http://viajaequi.abril.com.br/materias/as-tres-faces-religiosas-de-jerusalem>>. Acesso em: 23 de novembro 2016;

Via Lumina, **Basílica da Natividade**. Disponível em: <<http://catolicos.vialumina.com.br/index.php/curiosidades/turismo-religioso/no-mundo/oriente-medio/terra-santa/jerusalem/basilica-da-natividade/>>. Acesso em: 25 de novembro 2016;

YOUNGBLOOD, Ronald F., BRUCE, F., HARRISON, R. K., **Dicionário Ilustrado da Bíblia**. Editora Vida Nova, São Paulo, SP, p. 273-276, 681-682, 1366, 1367, 1379-1384, e 132-144, 2004.